

UNIVERSIDADE DE TRÁS OS MONTES E ALTO DOURO

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**QUAIS AS PERPETIVAS DO CONTRIBUTO DO
ASSOCIATIVISMO JUVENIL NA OCUPAÇÃO DOS TEMPOS
LIVRES**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Animação
Sociocultural



Marco António Alves Ferreira

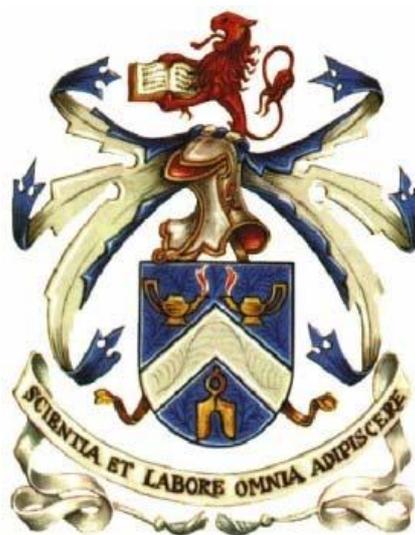
CHAVES, 2014

UNIVERSIDADE DE TRÁS OS MONTES E ALTO DOURO

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**QUAIS AS PERPETIVAS DO CONTRIBUTO DO
ASSOCIATIVISMO JUVENIL NA OCUPAÇÃO DOS TEMPOS
LIVRES**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Animação
Sociocultural



Marco António Alves Ferreira

Orientador: Doutor José António de Matos Esteves das Neves

CHAVES, 2014

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Animação Sociocultural, ao abrigo do artigo 16.º do Decreto -Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Leis n.ºs 107/2008, de 25 de Junho, e 230/2009, de 14 de Setembro.

AGRADECIMENTOS

À UTAD, na pessoa do Magnífico Reitor Professor Doutor António Fontainhas Fernandes, pelos meios colocados à minha disposição.

Ao Prof. Doutor José António de Matos Esteves das Neves pelo incentivo, pelos seus inestimáveis contributos e palavras amigas e basilares para a conclusão deste trabalho.

Aos Professores Doutores Isabel Costa, Agostinho Gomes e Marcelino Lopes por todos os conselhos e incentivos.

Um agradecimento especial à minha família por todo o apoio e pela paciência que tiveram ao longo de todo este processo.

Por fim saliento, que este trabalho não teria sido possível sem o apoio fundamental da Associação Voz da Juventude-Associação Juvenil de Desenvolvimento Social e de todos os seus elementos que pela sua jovialidade e empenho tenta tornar o amanhã um pouco melhor.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

À Helga,
à Iara,
ao Igor
e aos meus pais
sem os quais este trabalho não seria possível.

RESUMO

Para poder atuar sobre uma qualquer realidade há que conhecê-la.

Nessa perspetiva e no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Animação Sociocultural pretende-se, com este projeto, levar a cabo um estudo que permita saber quais são as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens membros da Associação Voz da Juventude, Associação Juvenil de Desenvolvimento Social na tentativa de transformar, aquilo que é mera opinião sobre factos e situações, em algo organizado e compreensível para que de uma forma crítica se possa criar espaços de reflexão e se for o caso, que sirva de base para a realização de programas, projetos ou atividades de Animação Sociocultural.

Se o Associativismo juvenil é resultado da vontade e da participação dos jovens é fundamental assinalar de que forma este contribui para a melhoria da qualidade de vida e defende os interesses dos seus associados.

Neste estudo pretendemos obter conhecimentos da forma como o Associativismo juvenil responde às necessidades de ocupação dos tempos livres dos jovens e se as estratégias de dinamização utilizadas, seja em contextos educativos formais mas sobretudo nos contextos não formais, são efetivamente geradoras de participação, de autonomia, de criatividade e de partilha democrática.

Pretende-se, igualmente, analisar e refletir sobre as preferências dos associados no que diz respeito às atividades de animação e de ocupação dos tempos livres programadas e quais as sugestões dadas de forma a responder às suas ansiedades num ambiente urbano em constante mutação.

Palavras-Chave

Associativismo, ocupação de tempos livres, ócio, voluntariado, Animação Sociocultural, animadores.

ABSTRACT

To be able to act in any reality, first you have to know it.

In this perspective and within the Master in Science of Education, Specialization in Sociocultural Animation, we aim with this project, to undertake a study that will allow us to learn what are the contribution prospects of youth associations in the leisure time of young members of Associação Voz da Juventude, Youth Association for Social Development, in order to change what is mere opinion on facts and situations into something organized and understandable so in a critical way we can create room for reflection and if this is case to be the basis to implement programs, projects or activities of Sociocultural Animation.

We will try to know if the juvenile Associativism results of the will and participation of young people and whether is essential or not point out how this contributes to improve the quality of life and it defends the interests of its members.

In this study we intend to understand how the juvenile Associations deal with the needs of leisure time of young people. We propose to show how dynamic strategies used, whether in formal educational contexts but particularly in non-formal contexts, are effectively generating participation, autonomy, creativity and democratic sharing.

It is also intended to analyse and reflect on the preferences of members in respect of animation activities and planned leisure time and what are the suggestions given to respond to their anxieties in a changing urban environment.

Keywords

Associations, leisure activities, leisure, volunteering, Sociocultural Animation, animators.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
ÍNDICE.....	V
ÍNDICE DE QUADROS	VII
INTRODUÇÃO.....	2
CAPÍTULO I – PERTINÊNCIA DO ESTUDO	5
1.1. Definição do problema.....	5
1.2. Importância do problema	6
1.3. Os objetivos do estudo	9
1.4. A Voz da Juventude – Associação Juvenil de Desenvolvimento Social	11
CAPÍTULO II – O ASSOCIATIVISMO E A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL	14
2.1. O Associativismo e a Animação Sociocultural.....	14
2.2. O perfil do Animador Sociocultural no Associativismo.....	23
2.3. O Associativismo e o voluntariado juvenil no Concelho de Chaves	33
2.4. O Associativismo Juvenil e a ocupação dos tempos livres.....	38
CAPÍTULO III – PROCESSO METODOLÓGICO	42
3.1. Métodos de investigação.....	42
3.2. Tipo de estudo.....	44
3.3. Unidades de análise	46
3.4. Técnicas de investigação.....	47

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS RELATIVOS AOS QUESTIONÁRIOS	51
4. Apresentação e análise de dados relativos aos questionários	51
CONCLUSÃO.....	63
BIBLIOGRAFIA	68
ANEXOS.....	73

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1: Mudanças na formação Animadores	25
Quadro n.º 2: Associações inscritas no Registo Nacional Associações Juvenis (RNAJ)	34
Quadro n.º 3: População residente concelho de Chaves – Censos 2011	35
Quadro n.º 4: Variação da População residente concelho de Chaves – Censos 2011	35
Quadro n.º 5: Respostas dadas à 1ª Questão	52
Quadro n.º 6: Respostas dadas à 2ª Questão.....	53
Quadro n.º 7: Respostas dadas à 3ª Questão.....	54
Quadro n.º 8: Respostas dadas à 4ª Questão.....	55
Quadro n.º 9: Respostas dadas à 5ª Questão.....	56
Quadro n.º 10: Respostas dadas à 6ª Questão	57
Quadro n.º 11: Respostas dadas à 7ª Questão.....	58
Quadro n.º 12: Respostas dadas à 8ª Questão.....	59
Quadro n.º 13: Respostas dadas à 9ª Questão.....	60

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Introdução

INTRODUÇÃO

Ser jovem é deveras complexo. As profundas transformações sociais colocam a juventude portuguesa num complexo quotidiano marcado por problemas e amplas dificuldades, que limitam a concretização dos seus sonhos e a sua realização na sociedade.

Os jovens são o futuro do país, mas são também uma parte muito importante do presente. É demasiado redutor considerar a juventude apenas como uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta e apesar dos condicionamentos, os jovens querem participar na construção da sociedade, desenvolver a sua criatividade, exercer os seus direitos, cumprir com as suas responsabilidades, ter opinião, construir soluções e de intervir de forma útil na vida da comunidade. É neste campo que as associações juvenis funcionam como escolas de democracia, proporcionando aos seus membros competências sociais, que os tornam mais aptos a intervirem politicamente, ao mesmo tempo que incutem e reforçam as virtudes cívicas que promovem o interesse comum e a tolerância em relação aos outros,

“porque nas associações, candidatamo-nos, organizamos listas, votamos nas eleições, reunimos, defendemos programas e planos de atividades, realizamos e executamos planos de atividades, elaboramos estatutos e regulamentos, comunicados, programas eleitorais, espetáculos e convívios.” (Mendes, 2005:9).

Uma característica da manifestação juvenil consiste na diversidade de práticas associativas, sendo essa mesma diversidade, enquanto prática de manifestação coletiva, ao nível local, um indicador do grau de integração social dos jovens.

Este mosaico de comunidades juvenis, com os seus códigos e rituais próprios, circunscreve algumas das características associadas aos jovens valorizando o seu tempo livre e o grupo de amigos sempre aliados a processos de mudança. E é neste ponto que a Animação Sociocultural (ASC) deve emergir fazendo uso das práticas que lhe são características, dando forma e conteúdo ao tempo livre, ao tempo de ócio dos jovens, fornecendo-lhes ferramentas através das quais possam operar processos de transformação social, nomeadamente, nos seus grupos de pares. Enquadrando-se no

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

âmbito da ASC é de salientar que *“a Animação Juvenil deve assentar num quadro de referências, que contemple: a liberdade (...); a promoção do associativismo (...); a participação (...); o voluntariado (...).”* (Lopes, 2008:318)

Com este estudo pretendemos conhecer de que forma o associativismo juvenil responde às necessidades de ocupação dos tempos livres dos jovens associados e quais as estratégias de dinamização utilizadas, não só em contextos educativos formais, mas, sobretudo, nos contextos não formais e informal, por serem aqueles que privilegiam as vivências e aprendizagens que se fazem a partir do real e da experiência prática e assim *“suscitar mais empenho, mais motivação, mais sentido, mais envolvimento, mais humanismo e ter mais êxito.”* (Lopes, 2008:407).

Objetivamente, procuraremos analisar e refletir sobre a forma como os jovens associados ocupam os seus tempos livres e tempos de ócio, quais os de sua preferência, quais as suas sugestões e necessidades, de forma a responder às suas necessidades e ansiedades num ambiente urbano globalizado.

“ A problemática atual do ócio e da animação no geral fica definida por um grande problema moderno: o uso do tempo livre como tempo de consumo que questiona a citada e universal definição de Dumazedier dos 3D's: descanso, diversão e desenvolvimento.” (Alvarez, 2008:189).

Capítulo I – Pertinência do Estudo

CAPÍTULO I – PERTINÊNCIA DO ESTUDO

1.1. Definição do problema

As Associações juvenis são espaços privilegiados e dotados de dispositivos sociais e culturais próprios que se convertem, para os jovens, em espaços com códigos, formas de ser e sentir únicos desta sua etapa na vida. Desta forma facilitam-se as condições para que possam participar e criar formas distintas, de ser e de estar na sua comunidade. Um espaço onde se podem potenciar, desenvolver e realizando descobertas que os enriquece, que lhes trazem novas inquietudes, desejos, sonhos e aspirações. Estes movimentos associativos, completando a tríade estratégica da ASC, podem:

“operar como meio para motivar, complementar, articular saberes e potencializar aprendizagens envolventes (...) como um conjunto de práticas que se realizam fora do espaço escolar, portanto, associadas à ideia de uma educação em sentido permanente e atinente com o ciclo da vida da pessoa.” (Sousa, 2007:61)

Estes espaços de participação onde os associados podem viver as suas utopias e pô-las em prática, possibilitam múltiplas relações entre os diversos mundos da sociedade, geradores de críticas, construtores e destruidores de múltiplas aprendizagens, como afirma Ventosa (2006). Espaços que sustentam e acompanham um processo em que os jovens se apropriam, constroem e produzem as suas manifestações, com os seus significados e símbolos.

O ócio e o tempo livre são facetas importantes na vida de todas as pessoas mas, na juventude, toma maior importância, uma vez que o período evolutivo do seu domínio cognitivo e volitivo encontra-se em pleno desenvolvimento.

Não será novidade que na atualidade, o tempo livre e o tempo de ócio apresentam múltiplas carências. Este é ocupado principalmente por atividades individualistas, sendo menos frequentes as atividades grupais e, dentro de estas, as mais usuais são as

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens chamadas extraescolares, que nem sempre revelam as preferências dos jovens, mas sim as dos seus progenitores,

“um tempo que favorece o exercício da vontade e da liberdade e que, por isso mesmo, permite desenvolver a capacidade de expressão e realização pessoal” e “ um tempo de abertura aos outros, como busca de contactos com as relações sociais que queremos, distintas muitas vezes daquelas que nos são impostas.” (Cuenca, 1984:7)

Partindo do princípio que o tempo de ócio e o tempo livre são fenómenos condicionados por fatores sociais, culturais, étnicos, políticos e económicos mas portadores de transformação, que barreiras impedem os jovens de ter acesso às suas práticas e aos seus benefícios?

Será que uma associação juvenil de desenvolvimento social é capaz de proporcionar uma ocupação do tempo livre e de tempo de ócio ativo e socioeducativo desvinculado de obrigações, saudável, lúdico e libertador? Poderá possibilitar, também de forma gratificante, um desenvolvimento pessoal e interpessoal que canalize as necessidades e interesses dos seus associados?

1.2. Importância do problema

A participação do movimento associativo num determinado território é um garante da promoção da cidadania e do desenvolvimento local ímpar quando auxiliado pelas ferramentas que a Animação Sociocultural nos oferece. É, igualmente, nesse território que o movimento associativo juvenil tem necessidade de atuar e demonstrar a urgência da sua ação através de práticas dinâmicas que possam fornecer respostas individuais e comunitárias aos desafios do quotidiano. O seu empreendedorismo e capacidade de reinventar permanentes trazem-nos importantes elementos de reflexão, reavaliação e de futura intervenção.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Desta forma espera-se uma resposta ativa às preocupações e necessidades dos seus associados e é nesse contexto que surge a necessidade de conhecer como o Associativismo juvenil pode responder às necessidades dos jovens ocuparem o seu tempo livre e tempo de ócio, quer em contextos formais quer informais, num meio urbano onde:

“as instituições situadas no âmbito da educação não-formal apresentam-se como agentes educativos que favorecem um tipo de aprendizagens mais conectadas com a realidade da vida, que permitem uma recuperação do sentido humano. As habilidades sociais, o intercâmbio cultural, a aceitação da diferença ou a solução de conflitos são alguns conteúdos que fazem parte de uma experiência que promove a liberdade, o descanso, a diversão, a formação, a participação e o esforço pessoal.”
Sousa (2008: 455)

Acrescentando ainda que:

“se refletirmos sobre a importância de alguns programas de Animação que têm sido levados a cabo no tempo de ócio, sobretudo aqueles que se têm orientado para a faixa e juvenil e que se tem revelado preventivos em relação a males sociais (...), não podemos deixar de concluir a sua inegável importância.” Sousa (2008: 455)

Sendo a faixa etária juvenil, por características inerentes ao ser, aquela onde surgem os primeiros sinais de afirmação de identidade e onde o sentimento de pertença a um grupo é por demais evidente, a Animação juvenil deve usar como referências basilares a liberdade, a promoção do Associativismo, a participação e o voluntariado, para que a sua intervenção seja orientada por objetivos de valorização pessoal e social, por uma interação e inter-relação e por uma tomada de consciência dos valores democráticos potenciando a cidadania em toda a sua extensão.

Assim sendo, é pertinente perceber de que forma a *praxis* da Animação Sociocultural e Socioeducacional no Associativismo juvenil transforma, localmente, a passividade da

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

ociosidade dos seus associados em autonomia, emancipação, cidadania e desenvolvimento.

Sabendo, de antemão, que a pedagogia do ócio é falível, como solução para os problemas sociais, mas que educar é uma tarefa de todos:

“... é importante considerar o tempo livre como sendo, um período bem definido dentro da totalidade temporal da vida humana, no qual se poder intervir especificamente com propostas e abordagens educacionais - educação de tempo livre -, mas também por razões culturais - de criação, divulgação, através de uma metodologia de ASC (...) uma educação no tempo livre e também uma animação no tempo livre. ”
Ventosa (2002: 128)

Cabe à ASC e ao Associativismo juvenil desenvolver esforços para a construção, em cada indivíduo e em cada comunidade, da sua autonomia com realizações diferentes mas complementares onde todos sejam atores capazes, na compreensão da realidade e na solução de problemas. Sabe-se à partida que muito trabalho tem de ser realizado, por isso, desejamos que a educação para o tempo livre e no tempo livre se venham a transformar em duas estratégias complementares que permitam criar oportunidades de forma a que todos acedam em plenitude à vida através de metodologias ativas que projetadas se encontrem façam a ponte entre o questionar, o desejar, o perder-se, o encontrar-se, o confrontar-se, o conhecer, o agir, o mudar e o problematizar (Bramão, 2000).

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

O Associativismo juvenil assume neste contexto um protagonismo único, uma vez que, nesta era da globalização, mercantilização e competitividade desmesurada mas também da interculturalidade, da intergeracionalidade e da animação dos tempos livres e de ócio neste palco da vida,

“há que (re)inventar a gestão do tempo, com alternativas éticas e pragmáticas que dignifiquem os homens e as mulheres. Não podemos quedar-nos no discurso de que se perderam as coordenadas (...) acreditando que a superação da crise de consciência (individual e coletiva) se deve pautar pelo equilíbrio entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, conciliando o racional, o não racional e o irracional.” Peres (2007:91)

Esta perspectiva é reiterada por outros autores, reforçando assim, a importância do papel da ASC como elemento gregário da comunidade.

“O futuro da Animação Sociocultural exige responder aos inúmeros desafios da desertificação rural, grande densidade urbana, focos de marginalidade, grupos com necessidades educativas especiais, animação do tempo livre e do tempo de ócio de crianças, jovens, adultos, terceira idade; uma animação que responda, ainda, à articulação dos espaços educativos formais, não formais e informais. Uma Animação Sociocultural que leve o ser humano a libertar-se e a descobrir o seu próprio caminho e sem ninguém lhe dizer vem por aqui.” Lopes (2007:16)

1.3. Os objetivos do estudo

Neste estudo pretendemos obter conhecimentos da forma como o Associativismo juvenil responde às necessidades de ocupação dos tempos livres e dos tempos de ócio dos jovens associados e se as estratégias de dinamização utilizadas, seja em contextos

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens educativos formais, mas sobretudo nos contextos não formais, que são efetivamente geradoras de participação, de autonomia, de criatividade e de partilha democrática.

Sendo o Associativismo juvenil resultado da vontade e da participação de jovens é fundamental assinalar de que forma contribui para a melhoria da qualidade de vida e defende os interesses dos seus associados. Tentamos, também perceber, no decorrer deste processo, de que forma, este potência a consciência associativa a nível comunitário e individual.

É nosso objetivo, ainda, analisar e refletir sobre as preferências dos associados no que diz respeito às atividades de animação, de ocupação dos tempos livres e de tempo de ócio programadas, e quais as sugestões dadas de forma a responder às suas ansiedades num ambiente urbano em constante mutação, e onde a industria do ócio torna os jovens uns consumidores sociais desregrados.

É, igualmente, pertinente descortinar se os jovens associados participam no desenho e na gestão dos programas, dos projetos e das atividades permitindo configurar e reconfigurar as experiências que tentam solucionar os seus problemas e necessidades.

Pretendemos verificar, no âmbito do tempo livre e do tempo de ócio, se as atividades e estratégias de dinamização utilizadas em contextos educativos formais e não formais não correspondem ao fazer para entreter, para manter de uma maneira mais ou menos fictícia (Alvarez, 2008) a expectativa dos associados juvenis, numa sociedade que industrializou o ócio e sofre de um consumismo exacerbado e que deixou de olhar para o tempo livre e tempo de ócio como matéria sociológica para vê-lo como um lucro (Zorrilla,1990).

“É inegável o papel da Animação como estratégia sociocultural para o desenvolvimento de condições de mudança social onde estejam verdadeiramente envolvidos os cidadãos de todos os sectores sociais. É importante destacar sem dúvida o papel das instituições...” Ventosa (2006:98)

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Nesse sentido, pensamos que será possível com este estudo ter uma perspetiva holística desta realidade procurando contribuir para resolver determinadas necessidades de uma dada população, podendo constituir por isso, uma das pontas de lança para criar um clima propício à inovação.

1.4. A Voz da Juventude – Associação Juvenil de Desenvolvimento Social

A Associação Juvenil de Desenvolvimento Social – A Voz da Juventude, foi constituída em novembro de 2009, por um grupo de jovens flavienses que preocupados com as necessidades dos seus pares no concelho, pretendeu dar-lhes voz.

Pretendendo assim, representar jovens do concelho de Chaves, composto por 51 freguesias à data da sua formação, fomentaram deste modo, o apoio social a jovens e a pessoas carenciadas, a realização de atividades em diversos âmbitos, campanhas de solidariedade social, atividades e prestação de serviços no âmbito da prossecução de fins sociais (tais como “Serviço de Proximidade” para ajudar famílias carenciadas a nível da habitação e o “Voluntariado Amigo” que atua como gabinete de apoio ao cidadão.), oportunidades para os jovens concretizarem as suas ideias e projetos, estágios profissionais e serviço voluntariado, apoio ao estudo, ocupação dos tempos livres, organização de campo de férias, promoção da educação ambiental e a dinamização da “Loja Ponto Já”, iniciativa do Instituto Português da Juventude, através de várias atividades, múltiplos workshops, aulas de pintura, aulas de música, pinturas faciais, aulas de inglês divertido, karaokes entre outras com enorme sucesso, como demonstram os mapas de julho e agosto de 2009 e 2010.¹

Em suma, a Associação Voz da Juventude pretendeu desenvolver atividades que fossem ao encontro das necessidades dos jovens deste concelho e trazendo algumas inovações, surgindo então, como parte fulcral de todos aqueles que pretendem ajudar e crescer de forma produtiva e sempre consciente.

¹ Ver ANEXO 1, páginas 74/75

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

O seu âmbito de ação e após concurso ao programa de Ocupação dos Tempos Livres, o Instituto Português da Juventude atribuiu à Voz da Juventude, 34 vagas para colocar jovens renumerados durante o verão e 4 de longa duração, algo inédito em Chaves, salientando que muitos continuam voluntariamente após o término do vínculo temporário.

Em 2010, em parceria, a Associação organizou o 4º EMAX - Encontro e Mostra Associativa Juvenil de Portugal/Galiza, um grande evento que veio premiar o grande trabalho que tem vindo a ser realizado em Chaves em prol do Associativismo.

Este trabalho foi coroado com uma alteração aos estatutos² da Associação Voz da Juventude em 2011, onde o registo definitivo reconhece a Associação como pessoa coletiva de utilidade pública com o estatuto de instituição particular de solidariedade social (IPSS) acrescentado ao seu trabalho responsabilidade importantes, vindo esta alteração permitir à Voz da Juventude alcançar os fins sociais a que anteriormente se propunha e alcançar outros.

² Ver ANEXO 2, páginas 76/93

Capítulo II – O Associativismo e a Animação Sociocultural

CAPÍTULO II – O ASSOCIATIVISMO E A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

2.1. O Associativismo e a Animação Sociocultural

Existem múltiplas definições sobre a Animação Sociocultural, mas todas elas enfatizam a polissemia dos vocábulos, Animação + Sócio + Cultural, Lopes (2008). É dessa multiplicidade que advém a sua riqueza pois os seus pilares são o homem, a ação e a vida. A este dinamismo social, a este movimento contínuo, corresponde uma inúmera bibliografia sobre esta temática, sinónima, da sua extrema importância e atualidade.

Este conceito de vida = movimento = dinamismo, permite-nos uma abordagem que relaciona o Associativismo e a Animação Sociocultural, que sumariamente nos fará passar pela história do associativismo no nosso país e no mundo, e que nos levantará questões sobre o futuro destas organizações nas suas dimensões sociais, culturais e educativas na era da globalização.

O homem sempre teve uma necessidade ancestral de se associar, de se agrupar para vencer as barreiras naturais, sociais e económicas da sua existência. Desde a família nuclear, passando pela família alargada, pelo clã e pela tribo, dos tempos mais remotos aos atuais, o instinto de sobrevivência sempre obrigou o indivíduo à criação e fortalecimento de laços comunitários e a estruturas associativas de índole muito diversa. Essa necessidade, criadora de laços sociais inerentes ao desenvolvimento Humano corresponde diretamente à sua natureza íntima ou ao resultado do seu livre arbítrio dando origem a múltiplas organizações e instituições que promovem a socialização e valorizam a pessoa humana além de proteger os seus direitos. São estas relações sociais que permitem criar identidades coletivas de vizinhança, de região, de religião, entre outras, que sempre congregaram indivíduos a ideias e espaços e que futuramente o continuaram a fazer traduzindo-se em organizações conjuntas estáveis que procuram publicamente, racionalmente e de forma voluntária a realização de determinados objetivos como agregados. Mas, se na verdade, a natureza gregária humana resulta em contactos entre os indivíduos da espécie, estes nem sempre se revestem de carácter social

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

uma vez que uma aglomeração de pessoas que por qualquer razão se encontra num determinado lugar, não constitui só por si um grupo, mas sim um agregado e uma qualquer interação não é suficiente para que seja considerada como um grupo (Giddens, 1997). Por este facto os grupos para além da convocação e da congregação necessitam de significado, de uma atitude ou ideia comum consciente que os estruture, dando-lhes durabilidade no tempo, uma certa coesão e um conjunto de normas que os organize objetivamente. Desta forma podemos situar estes fenómenos de sociabilidade e de associação dentro daqueles que são considerados, grupos secundários (Barata, 1984), pois são unidades baseadas num interesse, com organização definida num determinado território, hierarquizados e com interesses múltiplos que vão do lazer à política passando pela ação solidária. O facto dos elementos do grupo cooperarem, desenvolverem e apresentarem atitudes semelhantes torna-os coesos e proporciona-lhes mais sucesso porque:

“- Existe uma interdependência entre si, trabalham em conjunto para um objetivo comum e este é conseguido com o trabalho de todos;

- Existe alguma semelhança entre membros do grupo, o que faz com que eles executem as atividades do grupo;

- Existe oportunidade de todos participarem nas decisões.” (Coelho,

2008:20)

Quando as pessoas se associam elas organizam-se em grupo com um fim comum, mas cujo relacionamento é principalmente impessoal (Giddens, 1997). Elas não vivem conjuntamente apenas se relacionam para a realização de um objetivo definido e permanecem associadas enquanto isso lhes for útil. A génese do conceito de associação surge de grupos com uma organização deficiente e sem estrutura, como os grupos de caçadores pré-históricos até às estruturas associativas legais complexas dos nossos dias.

Para existir uma associação tem de haver uma união de pessoas físicas, pois é o indivíduo, a pedra angular da pessoa coletiva que partilham de um espírito ou interesse comum, embora algumas organizações, também, sirvam interesses pessoais as suas principais características são a persecução dos interesses comuns ao grupo, isto é, existe naturalmente a ideia de que ninguém está interessado em que a sua influência seja

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

determinante para o outro, mas sim que essa influência reverta sobre si próprio (Coelho, 2008).

Esta necessidade, muitas vezes, espontânea e informal, de pendor religioso, social ou de características profissionais, foi-se materializando desde a Idade Média em inúmeras confrarias, hansas, guildas, misericórdias e associações de mesteres, como resposta a necessidades laborais, religiosas, fraternais e de socorros mútuos emergentes. A vida comunitária, as aprendizagens e socialização cimenta-se nas relações de proximidade e de ajuda mútua (Abreu & Branco, 1984).

Após a abolição das Corporações de Ofícios, em 1834, e ao longo do séc. XIX o movimento associativo emerge e expande-se através de diversas instituições como resposta as alterações profundas no tecido social. A revolução industrial veio modificar o enquadramento socioeconómico do ser humano, opondo a cultura urbana à tradição secular rural. De facto, é na cidade que as transformações do pensamento emergem, fruto de conhecimentos e avanços marcadamente nos séculos XVII e XVIII, e com elas o progresso, o desenvolvimento das técnicas e o crescimento da produção, que se fez acompanhar por um desagregar de valores sociais e por um confronto cultural radical. A sociedade burguesa e capitalista constrói um fosso social que anteriormente se encontrava mais difuso. É neste ambiente que surge o associativismo com a afirmação do direito à liberdade de associação e reunião, integrando as comunidades que lhe deram o ser, para responder às dificuldades estruturando-se múltiplos valores como a solidariedade, a fraternidade, a independência, a autonomia, a democracia, a cidadania e trabalho voluntário (Malheiro, 1996), que nos permitem visualizar quatro tipos de ações coletivas que, podemos dizer, irão estar na origem do associativismo moderno:

- “a) reivindicações salariais e greves;*
- b) associativismo cultural;*
- c) cooperativismo e associações privadas sem fins lucrativos;*
- d) sindicalismo e actividade partidária.” (Ferreira, 2009:4)*

Esta distinção social, quer em relação aos interesses quer em relação às funções, espelha-se na organização das associações. No trabalho, os sindicatos e as associações

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

patronais, socialmente, as associações mutualistas, corporativas e de instrução e recreio e politicamente, nas diferentes formações partidárias (Abreu & Branco, 1984). Em Portugal, os movimentos associativos surgem, fundamentalmente, na tentativa de fornecer aos seus associados recreio, convívio e instrução.

Timidamente, na 1ª República, o contributo destas associações foi importante pelas práticas de valorização social e pessoal, mas só mais tarde, é que se dá um maior desenvolvimento destas associações, fruto das conquistas laborais e das necessidades pessoais dos seus associados de se valorizarem. Mas é no dealbar do séc. XIX, que diversas instituições associadas a este movimento, procuram de forma comprometida práticas de auxílio e dignificação dos seus semelhantes (Sousa, 2008). Inscrevem-se neste movimento as Associações Mutualistas, que com o seu espírito de interajuda e autodefesa no infortúnio (Abreu & Branco, 1984). Nos finais deste século, a emergência destes fenómenos levou a intervenção estatal através da Lei de 9 de maio de 1891, onde pela primeira vez foi autorizada e regulamentada a constituição de associações de classe profissional tendo por fim o estudo e a defesa dos interesses económicos, industriais, comerciais ou agrícolas da classe e traz também um novo fôlego ao associativismo patronal.

O facto de a crise grassar em Portugal, e em outros países, aliada à inexistência de um sistema social levou as populações a procurarem minimizar as dificuldades,

“o operário, associando-se ao operário, tirando todas as semanas da sua fêria uma pequena parcela, garante os recursos para dias de doença, e por esta forma, se, vender, sem empenhar, sem os seus morrerem de fome, recupera a saúde no regaço da família. Eis a associação se socorros mútuos...” (Goodolphim, 1974:23)

Neste período republicano, muitas associações, quer as sociedades de cultura e recreio, quer as cooperativas populares e mesmo sindicatos, tiveram um papel hercúleo como era desígnio nacional, no combate à elevada taxa de analfabetismo.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Com o Estado Novo, imposto pelo golpe militar de maio de 1926, as Associações foram incorporadas num sistema corporativo nacionalista, como contemplava a Constituição Política de 1933, pois todos estavam subordinados aos supremos objetivos da nação, fossem pessoas singulares ou coletivas, porque eram elementos constitutivos do próprio.

Desta forma, direta ou indiretamente, a tutela do estado fez-se sentir em todos os setores e atividades, como são exemplos, os sindicatos nacionais, as casas do povo, a mocidade portuguesa, a federação nacional para a alegria no trabalho, utilizando os meios de Animação para distrair e passivamente ter o povo doutrinado (Sousa, 2008).

A 25 de abril de 1974, o regime político sucumbe e um amplo e forte movimento de iniciativa popular vai caracterizar o novo contexto nacional, onde surgiram novas formas de Associativismo (Abreu & Branco, 1984).

“Cumpre, mais, referir a revitalização dos princípios associativos operada após a Revolução de Abril de 1974. Então, homens e mulheres (que participam decidida e massivamente neste movimento) organizam-se, associam-se, prosseguindo fins comuns, fossem eles de carácter social, económico, cultural ou político. Os direitos de associação durante décadas sequestrados traduziram-se, após aquela memorável data, numa miríade de expressões associativas. Algumas delas terão soçobrado. Muitas outras, porém, resistiram e mantêm-se ativas (associações culturais, recreativas, sindicais, cooperativas...)” (Leitão, Ramos & Silva, 2009:49-50)

Esta amálgama sociocultural foi o espaço privilegiado para o surgimento da maioria das instituições associativas criadas, desde então, até hoje, no nosso país. Foram e são estes espaços onde se exercem e reclamam direitos: de reunião, de associação, à cultura, ao desporto, ao lazer, ao protesto, à indignação, espaços de solidariedade e fraternidade, de liberdade, democracia e cidadania, de independência e autonomia, de trabalho voluntário e benévolo (Leitão, 2009).

Este movimento de base popular, como já referido, assume especial importância por ser produtor de cultura, principal objetivo do espírito de associação, mesmo que à margem

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

das instituições e de forma mais ou menos espontânea, procurando dar respostas aos anseios e necessidades coletivas e tendo um papel fulcral na alteração das estruturas sociais.

Esta data, torna-se incontornavelmente na história da Animação Sociocultural, pese a ideia de no entanto já podermos considerar a existência de dinâmicas associativas neste sentido, na década de 60 do século XX:

“ A Animação como forma de actividade destacada está a emergir nas dinâmicas sociais das sociedades complexas desde os anos 60. (...) Os associativismos, sobretudo, de carácter cultural e recreativo, sempre fizeram, e continuam a fazer Animação. ” (Lopes, 2008:136)

Agora, passados 39 anos desta revolução política e social, repleta de avanços e recuos e perante o nascimento de novos paradigmas socioculturais, qual o papel do Associativismo e da Animação Sociocultural em pleno contexto de globalização?

Hoje,

“(...) mais do que nunca a Animação Sociocultural tem espaço, tem sentido, basta só olhar para a desertificação rural, para o super povoamento do litoral, o aumento do ócio na terceira idade, os hospitais sem vida, as escolas sem a interligação dos diferentes espaços educativos, as prisões do tédio, a comunicação artificial em vez de humana, a democracia distante e distanciada das pessoas e cada vez mais ritualista e de participação calendarizada. ” (Lopes, 2008: 309)

De facto, para suprir os dolorosos efeitos da solidão, para preencher os tempos de ócio e de vazio, para partilhar bens materiais e espirituais, para criar e recriar laços comunitários e solidários é cada vez mais urgente continuar a criar e renovar os espaços humanos de resposta aos problemas da sociedade (Leitão, Ramos & Silva, 2009) e neste universo a Animação Sociocultural através do movimento associativo ganha um forte campo de atuação, pois este alcança expansão na medida em que é considerado uma mais valia no desenvolvimento da sociedade. Este reflete o comportamento social

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

dominante nas próprias comunidades e é visto como uma forma de juntar interesses comuns, defendendo pontos de vista de forma global.

“O Associativismo é a expressão organizada da sociedade, apelando à responsabilização e intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social e constituiu um importante meio de exercer a cidadania.” (Guia Para o Associativismo, 2001)

A importância e o valor do Associativismo decorre do facto de constituir uma criação e realização viva e independente, uma expressão da ação social das populações nas mais variadas áreas. É a expressão, é o exercício de liberdade e exemplo de vida democrática. É uma escola de vida coletiva, de cooperação, de solidariedade, de generosidade, de independência, de humanismo e cidadania, conciliando o valor coletivo e individual. Pelo que, defender, reforçar, apoiar e promover o desenvolvimento do movimento associativo é defender e reforçar a democracia e a participação dos cidadãos na vida social. O movimento associativo é um produto social. Transforma-se com a evolução social, acompanha e participa ativamente nessa transformação. Realiza-se tanto mais profundamente quanto mais tenha claros os objetivos da sua intervenção, o seu projeto próprio e o projeto de sociedade para que está orientado o conteúdo fundamental da sua ação. São muitos os autores que afirmam que o Associativismo é uma forma de união de povos e/ou comunidades que procuram, de forma económica desinteressada, alcançar um objetivo, com uma personalidade jurídica própria, conferida pela constituição portuguesa e internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos do Homem no seu vigésimo artigo, *“toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacífica”*. Então, podemos afirmar que o Associativismo, enquanto movimento de união e desinteresse económico, é um ato de liberdade e de opção para qualquer pessoa. Esta pode, de livre vontade, formar a sua própria associação. *“Uma associação forma-se por decisão voluntária (...) no sentido dos objetivos que lhes satisfaçam as necessidades (...)”* (Elo Associativo nº. 17, 2001:16)

Na sociedade em que vivemos torna-se cada vez mais comum ouvir dizer que algumas associações são como que empresas, uma vez que a sua atividade exige uma gestão ao nível da empresarial. Esta é uma das grandes confusões de muitos associativistas,

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

dirigentes ou não. Uma associação sem fins lucrativos não é uma empresa, senão vejamos:

- Uma empresa tem por objetivo produzir e/ou vender um produto, fazer lucro e distribuí-lo mas uma associação tem como fim prestar um serviço, resolver problemas sociais, desenvolver potencialidades, valorizar os seus associados, reinvestir socialmente eventuais receitas e proveitos realizados em prol de todos os associados e da população;

- Para uma empresa o que conta, em termos de representatividade, é a força económica e o investimento do sócio mas na associação cada associado tem um voto.

- As empresas não têm acesso ao estatuto de utilidade pública mas as associações têm acesso ao estatuto de utilidade pública que assegura um conjunto de benefícios fiscais às associações.

Podiam alinhar-se outros exemplos, mas o que interessa realçar é que pela sua natureza e fins, associações e empresas são entidades diferentes, uma vez que uma

“associação é a reunião de duas ou mais pessoas que põem em comum, de uma maneira permanente, os seus conhecimentos ou a sua atividade para um fim que não é o de partilhar os benefícios.” (Pires, 1987: 9)

Trata-se de um movimento no qual as pessoas se agrupam em torno de interesses comuns, constituindo associações, entidades com personalidade jurídica e com objetivos de entreatajuda e cooperação (Guia para o Associativismo, 2001). Os estatutos fixam os grandes objetivos, enquanto os Regulamentos assinalam regras de comportamento dos associados entre si e de gestão para melhor se atingirem aqueles objetivos. Toda a gestão é finalmente orientada para a organização de atividades que conduzem à satisfação das necessidades expressas pelos associados desde a fundação da associação, diversificadas em seguida e ampliadas à medida que os anos passam, a sociedade evolui e com ela as mentalidades, as técnicas, os meios e a cultura (Elo Associativo n.º 17, 2001).

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Enquanto forma privilegiada de intervenção da sociedade civil, o Associativismo, rege-se por três princípios:

“De Liberdade – A adesão a uma associação é livre, tal como é livre a saída do movimento associativo;

De Democracia – O funcionamento de uma associação baseia-se na equidade entre os seus membros, traduzida na expressão «um associado, um voto»;

De Solidariedade – As associações resultam sempre de uma congregação de esforços, em primeiro lugar dos fundadores e depois de todos os associados.” (Guia para o Associativismo, 2001:5)

Se por um lado a origem de uma associação acaba por ser comum a todas, ou seja, a congregação de esforços em torno de um interesse comum, por outro, o seu fim, o seu objetivo, já pode ser o mais diversificado, levando a que existam as mais variadas associações (Culturais, Recreativas, Desportivas, Defesa do Ambiente e Património, Desenvolvimento Local, Moradores, Estudantes, Pais, Profissionais, Juvenis...)

O Associativismo enquanto processo de democratização plena e profunda da nossa sociedade, assente na participação dos cidadãos na resolução das crescentes dificuldades que um grande número defronta na vida quotidiana é um elemento estruturante da própria vida comunitária. Tudo isto significa que as associações, através das suas diferentes formas, desempenham um papel insubstituível no contexto social fornecendo um contributo essencial dirigido ao interesse geral (Coelho, 2008).

“A liberdade de escolha, substituindo a obrigação, acompanha o indivíduo na fundação da sua própria realidade social, uma realidade que se constrói na articulação entre o individualismo e a necessidade de produção de laços sociais.” (Coelho, 2008:131)

O Associativismo sempre assumiu um papel gerador de saber, e saber fazer, que necessita de constante reflexão face aos problemas que se deparam na sociedade recriando sempre aquilo que lhe é essencial, ser um espaço organizado de relações

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

interpessoais gerador de solidariedade, convívio e participação. É o objetivo do espírito de associação, ser produtor de cultura (Abreu & Branco, 1984). Assim, a Animação Sociocultural surge como uma forma de educação não formal, aberta e centrada nos interesses e nas necessidades da comunidade durante a sua transmissão de valores sociais, culturais e educativos realizando a tripla dimensão da animação – a social, a cultural e a educativa (Lopes, 2008).

A importância e o valor do Associativismo decorre do facto de constituir uma criação e realização viva e independente, uma expressão da ação social das populações nas mais variadas áreas. Podendo acrescentar que,

“O Associativismo é a expressão organizada da sociedade, apelando à responsabilização e intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social e constituiu um importante meio de exercer a cidadania.” (Guia Para o Associativismo, 2001:5)

Uma associação é uma emanção da vontade popular que traz benefícios sociais aos seus associados, vive e renasce permanentemente pela vontade de sucessivas gerações de associados anónimos, cuja força motora é a resposta a problemas locais, à melhoria da qualidade de vida, a participação popular, o exercício profundo da democracia neste marasmo que é a globalização e a perda ou ausência de valores em todos os campos sociais, sendo na nossa opinião, um instrumento de crucial importância para a atuação da Animação Sociocultural.

2.2. O perfil do Animador Sociocultural no Associativismo

“ Animadores - Quem são?” (Lopes, 2008: 460)

Nos anos 70, do século passado, a revista de Animação Sociocultural “Intervenção” levanta esta questão pertinente numa época repleta de alterações socioculturais e políticas.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Atualmente, é legítimo colocarmos a mesma questão enquadrada num país e num mundo em constantes e alucinantes transformações:

- Quem são os Animadores, então?

Os Animadores são aqueles que na igualdade para viver e na diversidade para conviver, vão criando dispositivos democráticos de emancipação cultural, social e pessoal, com um compromisso ético, cívico e profissional. São aqueles que seja qual for a dimensão etária, a dimensão territorial ou a pluralidade do âmbito da sua intervenção procuram objetivamente, no decorrer da sua ação, ser agentes provocadores que tentam proporcionar uma melhor qualidade de vida social, física, educativa e cultural com envolvimento do grupo, promovendo aprendizagem individual e coletiva repletas de humanismo (Lopes, 2006).

Das diversas respostas possíveis, surgem múltiplas outras questões que foram e que ainda o são atualmente centradas na formação e no estatuto da carreira, pois, são os Animadores a pedra angular de todo o processo de Animação e, como tal, é-lhes obviamente necessário e merecido o reconhecimento institucional da profissão.

Estas problemáticas já foram e são alvo de inúmeros debates e fóruns mas devemos salientar que uma reflexão sobre a evolução do Animador em Portugal mostra-nos um

“percurso de um conjunto de profissionais e voluntários que, ao longo da história da Animação Sociocultural em Portugal, tiveram o reconhecimento social pela ação realizada junto das populações.”
(Lopes, 2006:62)

Será, então, pertinente elaborar uma resenha histórica que nos permita compreender o percurso destes profissionais e voluntários no desenvolvimento da Animação Sociocultural em Portugal.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Nas décadas de 70, 80 e 90 do século passado, verificaram-se momentos muito significativos que contemplam diferentes perspectivas formativas, que passamos a mostrar no seguinte quadro:

Quadro n.º 1: Mudanças na formação Animadores

	Anos 70	Anos 80	Anos 90
Mudança qualitativa na formação.	Formação eminentemente prática que evolui para uma formação teórico-prática de nível secundário de curta ou média duração.		Formação teórico-prática centrada num percurso de nível universitário
Mudança modelo de formação.	Modelo de formação de inspiração francófona, onde se destacam formadores como Gelpi, Limbos, Imhof, Simpson, Moulrier...		Modelo de formação acentuadamente ibérico, onde se destacam formadores como Ander-Egg, Ucar, Ventosa, Quintana, Puig...
Mudança na experiência exigida ao Animador.	Experiência fundamentalmente no campo prático, que evolui para um nível teórico-prático, onde o Animador é um técnico-profissional.		Formação teórica adquirida em espaço educativo formal menosprezando, por vezes, a prática e onde o Animador é um técnico superior.
Mudança no campo de intervenção.	Animação militante e polivalente.		Animador com um perfil técnico centrado em âmbitos específicos.

Fonte Lopes (2006): Adaptação própria.

Perante estas mudanças que ocorreram nas últimas décadas do passado século e que continuam a surgir, fruto dos inúmeros paradoxos da sociedade contemporânea, fazemos refletir sobre o futuro do Animador, o seu papel e importância na Animação Sociocultural, no Associativismo e sobre as questões que permanecem por responder.

É nossa opinião que um sistema social e político que procure uma verdadeira justiça social e a melhoria da condição humana das suas comunidades não pode esquecer a ação dos Animadores, sejam profissionais ou voluntários, aliados, deverão

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

metodicamente intervir nos mais diversos domínios, tendo como finalidade aquilo que é o mais importante, as pessoas.

Mas, para que se possa caminhar rumo à utopia, é necessário que seja feito um trabalho sólido e metodológico que tem na formação do Animador o seu princípio, mas não o fim.

A formação de Animadores *“requer um currículo centrado em conteúdos, técnicas e recursos para a ação da Animação e destina-se à obtenção de graus académicos”* (Lopes, 2006: 65), mas que não pode de forma alguma descurar

“um saber que se liga com todos os problemas que afetam o ser, a nossa condição de vida em grupo, as relações interpessoais, em suma um saber que eleve a dimensão humana do Animador.” (Lopes, 2006: 64)

Se a formação valorizar a Animação, o Animador e se assentar numa metodologia que se apoia numa tecnologia educativa, vai motivar e frutificar em processos de participação que, com certeza, irão contribuir para o desenvolvimento de indivíduos ativos e motivados na persecução dos seus objetivos e ideais.

Sabendo que a motivação é algo de imprescindível ao processo de Animação, cabe ao Animador atuar de forma a desencadear um processo de participação que estimule a vontade nos indivíduos em desenvolver determinada ação ou envolver-se num projeto.

No Associativismo, este desafio é visível em todas as áreas de intervenção do Animador e da Animação Sociocultural, uma vez que, mobilizando o coletivo para a participação, partindo de práticas educativas desenvolvidas com as pessoas, provocando as suas consciências para a transformação sociocultural e estando consciente das dinâmicas dos grupos e instituições, o agente provocador assume o papel de dinamizador, de educador e de facilitador das próprias dinâmicas no âmbito associativo, promovendo práticas de cidadania ativa e comprometidas com o desenvolvimento sociocultural da comunidade onde se insere.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

O Animador comprometido com uma cultura de valores, de justiça social e através de um processo educativo de base, procura responder aos desafios constantes dos cidadãos, acompanhando a evolução dos projetos e iniciativas associativas.

Para que o Animador possa traçar objetivos que lhe permitam proporcionar uma melhor interação e uma melhor qualidade de vida social, física, educativa e cultural individual e coletiva ele tem sempre em consideração a perspetiva tridimensional das suas estratégias de intervenção, que se podem dividir na:

- dimensão etária (infantil, juvenil, adulta e terceira idade), definindo o público alvo da sua ação;
- dimensão espacial (espaço urbano ou rural), onde se desenvolve a própria ação, e;
- dimensão da pluralidade de âmbitos de intervenção, onde se define a área temática alvo (Lopes, 2006).

Aliada a esta perspetiva tridimensional, o Animador deve manifestar diversas competências que, sem utilizar o seu estatuto de dinamizador para impor os seus pontos de vista, forneçam as ferramentas necessárias para que o grupo avalie a situação e chegue às suas próprias conclusões e soluções para os seus problemas respondendo desta forma às suas necessidades.

Essas competências podem ser transversais:

- acreditar numa benéfica mutação social de forma a transmitir confiança e esperança;
- gostar do que faz para poder transmitir bem-estar e suscitar o interesse dos outros;
- ter autonomia para realizar o projetado, sem dependências;
- ser responsável na tomada de decisões e consciente das suas capacidades e limitações;
- ter capacidade de questionar o seu desempenho e dos restantes membros do grupo;
- comunicar de forma clara, precisa e assertiva mostrando sempre um forte sentido de cooperação;

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

- ser um bom gestor de conflitos (Trindade, 2009).

Deve, ainda o Animador, ser portador de competências técnicas para:

- usar os instrumentos teóricos necessários à realização das práticas;
- organizar e planificar atividades tendo em conta as especificidades do público e o que pretende alcançar;
- saber enquadrar as intervenções nas possibilidades e nas limitações;
- saber integrar as várias áreas de conhecimento entre as outras áreas munindo-se do lúdico como forma de difundir conhecimento e potenciar a capacidade de cada indivíduo;
- estimular a participação ativa de cada interveniente (Trindade, 2009).

Toda a formação e profissionalização justifica-se pela necessidade de apetrechar os Animadores com o saber técnico (dimensão cognitiva), o saber-fazer (dimensão operativo) e saber-ser (dimensão relacional) que, em consonância, lhes vão permitir realizar a ação a que se propuseram. (Nóvoa, 1992)

Os Animadores, como profissionais especializados, podem trabalhar em diversas instituições, públicas ou privadas, e em múltiplas áreas, não impedindo esta diversidade que o seu objetivo seja sempre o de promover a intervenção sociocultural de determinado grupo, incentivando a participação dos seus membros, fazendo-os tomar decisões responsabilmente e estimulando a sua própria organização de forma a melhorar a qualidade de vida da comunidade onde se insere.

Deste modo, a Animação Sociocultural, é uma resposta intencional e sistemática a uma determinada realidade social, mas que desenvolve um processo que não é linear mas sim contínuo, no qual as diversas etapas se interligam e uma análise da realidade vai completando, avaliando e aprofundando o seu conhecimento da ação. Para a recolha e tratamento de informação sobre essa mesma realidade, são utilizadas técnicas que, como conjunto de procedimentos bem definidos, irão permitir investigar segundo um método permitindo uma escolha adequada a cada situação concreta.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Na Animação Sociocultural, o Animador serve-se de técnicas comuns a outros campos de intervenção social e o conhecimento dessas técnicas pode ser transmitido aos restantes intervenientes na ação, de forma a aumentar a sua capacidade de autonomia.

As técnicas não podem ser consideradas como fins em si mesmas, mas como meios, que quando devidamente aplicados permitem atingir os objetivos previstos.

O Animador deve por isso selecionar as técnicas mais apropriadas às atividades desenvolvidas, uma vez que os âmbitos de intervenção da Animação Sociocultural são imensos, permitindo uma grande margem de manobra e um variadíssimo conjunto de atividades e ações. Por essa razão, um vasto conjunto de termos serve para designar a atuação da Animação Sociocultura: Animação socioeducativa, Animação dos tempos livres, Animação teatral, Animação turística, Animação escolar, Animação juvenil, etc.

Mas devemos salientar que:

“(...) outros termos poderão ser formados, relacionados com potenciais novos âmbitos de Animação, cuja emergência é, por sua vez, determinada por uma dinâmica social em constante mudança, que origina a permanente promoção de relações interpessoais, comunicativas, humanas, solidárias, educativas e comprometidas com o desenvolvimento.” (Lopes, 2006:315)

É fundamental, por outro lado, ao Animador conhecer os grupos-alvo para que a sua intervenção possa ser bem sucedida, uma vez que gradualmente o processo de incentivo à participação leva-os de espectadores passivos, a protagonistas ativos.

Estes grupos-alvo são os destinatários,

“são os beneficiários do projeto de intervenção sociocultural que o animador pretende desenvolver. Deste modo, o animador tem de delimitar e conhecer muito bem o grupo-alvo de seu projeto, pois são os seus interesses, as suas necessidades e os seus problemas que justificam esse mesmo projeto.” (Marrana, 2011:28)

No caso dos jovens e dos grupos que estes integram, o Animador assume um papel privilegiado pois ele é o agente vital em todo o processo, ele é o mobilizador e o catalisador de vontades junto do seu grupo-alvo que deve conhecer bem para o poder potencializar.

Como orientador, é responsável pelos espaços informativos que vão servir de base às escolhas juvenis nos múltiplos campos de oportunidades e atua em prole de objetivos que sabe serem exequíveis, deixando de fora bloqueios emocionais, entusiasmando e provocando os jovens e assumindo uma relação perante o grupo de forma natural, num percurso que objetivamente procura a promoção do protagonismo juvenil baseado em processos de participação.

Estabelece-se, assim, por influência de um processo próprio da Animação Sociocultural, um sistema de relações de uma estrutura grupal juvenil onde se cruzam, criam, terminam e recriam processos relacionais e múltiplas dinâmicas a partir desse mesmo sistema, que faseadamente, passa por uma aproximação inicial ao grupo a que segue uma fase de maturação grupal.

Este processo atinge o seu zénite grupal quando surgem os primeiros contratempos e dificuldades e, quando se é levado a tomar decisões importantes, sendo também a fase em que o Animador deve dar ao grupo o poder de decisão sobre o rumo a tomar, procurando o mesmo manter-se numa clandestinidade aparente.

Desta forma podemos salientar que o Animador é uma

“pessoa capaz de estimular a participação ativa da gente e de insuflar um maior dinamismo sociocultural, é aquele que é capaz de organizar e conduzir as suas próprias atividades, de animar, vitalizar e dinamizar as energias e potencialidades existentes nas pessoas, grupos e colectividades.” (Ander-Egg, 1999:11)

É óbvio que não existem sociedades perfeitas mas a noção, utópica, da sua existência sempre foi almejada e, pensamos que o continuará a ser, mas os exemplos das sociedades mais desenvolvidas e geradoras de bem-estar, são o espelho de desinteresse, desmotivação e até mesmo alheamento, o que na nossa opinião, eleva a necessidade e importância da função de animador nestas sociedades, como resposta ao alto absentismo, fruto de um bem estar económico mas um efeito perverso, na maioria das vezes, na evolução educativa, social e cultural destas sociedades (Silva, 2005).

A intervenção dos Animadores Socioculturais revela-se de extrema importância na humanização das relações recheadas de frieza nas sociedades modernas, pois nessa função serão eles os mais capacitados em relação ao ato de animar, mas que não se esgota no mesmo.

Numa sociedade globalizada e caracterizada por novas condições criadas pela economia, pela ciência e pela tecnologia que obrigam o homem a enfrentar novos desafios ou a encarar de diferente forma os problemas antigos, surgindo novas atitudes e valores que necessitam de uma metodologia de atuação e de acompanhamento que pela intervenção do Animador possam levar ao encontro das pessoas e lhes restitua ou confira, sentido crítico e onde qualquer atividade desenvolvida contenha em si as dimensões sociais, culturais, educativas e políticas,

“(...) a animação sociocultural parte de uma atitude de não indiferença face aos problemas e necessidades de uma dada comunidade, da sua hierarquização em ordem à sua resolução no quadro do bem comum e do bem particular de cada um dos membros da mesma comunidade (...) Assim como apreensão dos valores implica sentimento-juízo-ação, assim também será tarefa do animador olhar-pensar-realizar os valores na sua própria ação e, porque esta ação é ação educativa, também promover a sua realização por outros (...) Na animação sociocultural, como em geral na educação partimos, não do Ser, mas do ser dinâmico dos seres humanos, da sua relação com os seres, em vista de eles próprios serem mais e melhor.” (Azevedo, 2008:278-279)

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Toda esta perspectiva implica que o Animador para triunfar futuramente terá de refletir sobre o passado da Animação Sociocultural e dos Animadores, não cometendo os mesmos erros, pois ele:

“(...) é o agente que põe em funcionamento, que facilita e dá continuidade à aplicação dos processos de animação. Este dinamizador da mobilidade social está ao serviço de uma instituição pública ou privada de carácter administrativo ou associativo e de modo voluntário ou profissional, promove a intervenção sócio – cultural na comunidade em que atua. O seu trabalho técnico apoia-se na relação pessoal com os destinatários, a sua integração no grupo e o de facilitar nele os processos de coesão, vivências ou experiências e tomar posições ativas sobre o meio em que se realiza a animação.” (Martins, 1995:107)

Um projeto de Animação Sociocultural tenta sempre primar pela criatividade, inovação e liberdade, tentando objetivamente alterar, modificar e alcançar uma realidade desejada, resultante do empenho de todos os participantes e nesse sentido, cabe ao Animador ter a capacidade de colher e recolher informações e indicadores dessa realidade pois todo este processo é

“(...) fundamentalmente centrado na pedagogia da proximidade e na promoção da participação consciente e crítica de pessoas e grupos na vida sociopolítica e cultural em que estão inseridos, criando espaços de ação e comunicação interpessoal e comunitária (...) a Animação Sociocultural como uma estratégia que encontra no vivido e no agido da comunidade os elementos necessários para iniciar o diálogo e o encontro de valores comuns que permitam alcançar as finalidades de todos e de cada um.” (Peres, 2007:16-17)

Desta forma, animar, é e sempre será um ato de comunicação, de interação e promoção da vivência a partir da convivência, da ação refletida, comportando em si formas inovadoras nos planos social, cultural, educativo e político, *“é que sem educação/animação, não há cidadão.” (Peres, 2007:16-17)*

2.3. O Associativismo e o voluntariado juvenil no Concelho de Chaves

O Associativismo juvenil tem sido considerado como uma importante escola cívica e democrática da nossa sociedade, dadas as características dos seus comportamentos e princípios.

Quer seja pelas atitudes e competências, quer seja pelas virtudes cívicas, a participação associativa afeta e beneficia os indivíduos em termos democráticos e reforça-os na sua participação política (Silva, 2005).

As relações, entre o Associativismo e a cidadania ativa, têm sido alvo de políticas públicas no que se refere à juventude, tendo como um dos principais aliados, o voluntariado, que é um dos princípios basilares para a Animação Sociocultural nesta faixa etária,

“o associativismo (como meio de socialização e de aprendizagem no que diz respeito à democracia, cultura, recreio e ócio), a participação (os jovens são os principais protagonistas da ação, o que implica da sua parte uma envolvimento direta) e, o voluntariado (como compromisso solidário).” (Lima, 2005:14)

O Associativismo juvenil sendo uma manifestação social que reflete de forma diversificada, localmente a participação e a integração social dos seus associados, através da qual podem exprimir os seus interesses e despoletar os seus direitos cívicos, deverá dar-nos um retrato real das suas práticas, sendo estas condicionadas pelos múltiplos contextos sociais onde se inserem.

Mas,

“ao nível nacional o retrato da participação associativa dos jovens, que se estende desde a ação política e económica à ação social, de voluntariado e humanitária, não difere do retrato da participação, pouco significativo, dos jovens noutras democracias europeias.” (Fernandes, 1998:102)

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

O panorama não é animador, a participação associativa é reduzida e proporcional à capacidade da sociedade em promover comportamentos coletivos e de cooperação. Os jovens associados encontram-se sobretudo vinculados à prática desportiva, o que implica pouca ou nenhuma relação com a experiência cívica, embora reconheçam que existam vantagens na experiência associativa, pela interação social, pela acrescento de novas competências e pela prestação de um serviço aos outros (Silva, 2005).

Segundo dados da Câmara Municipal de Chaves (CMC) sobre as Associações registadas no concelho³ e do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) através do Registo Nacional Associações Juvenis (RNAJ), quadro n.º 2 em baixo, das aproximadamente duas centenas de Associações registadas no Concelho de Chaves, apenas 5 são Associações juvenis, sendo as restantes, sobretudo, de carácter desportivo, o que demonstra na nossa opinião, que ou por falta de estruturas, de equipamentos ou de apoios os jovens retraem-se ou desmotivam-se na procura da vinculação associativa.

Quadro n.º 2: Associações inscritas no Registo Nacional Associações Juvenis (RNAJ)

Código RNAJ	Designação	Tipo de Entidade
2007-01106	Teatro Experimental Flaviense	Entidade sem Fins Lucrativos
2007-00153	Casa de Cultura Popular de Outeiro Seco	Associação Juvenil
2009-00900	A Voz da Juventude - Associação Juvenil de Desenvolvimento Social	Associação Juvenil
2011-00168	Rinoceronte Azul	Associação Juvenil

Fonte CMC/RNAJ (2012): Adaptação própria.

³ Ver ANEXO 3, páginas 94/101

Quais as perspetivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Obviamente que o notório envelhecimento da população e a dificuldade na sua reposição, espelhada nos números das faixas etárias infanto-juvenis dos Censos de 2011, poderá ser outra das causas da fraca representação associativa juvenil no concelho de Chaves, como mostram os seguintes quadros:

Quadro n.º 3: População residente concelho Chaves – Censos 2011

População residente									
Em 2001					Em 2011				
Total	Grupos etários				Total	Grupos etários			
	0-14	15-24	25-64	65 ou mais		0-14	15-24	25-64	65 ou mais
43667	6269	6251	22511	8636	41243	5030	4253	21863	10097

Fonte INE-Censos (2011): Adaptação própria.

Quadro n.º 4: Variação da população residente concelho Chaves – Censos 2011

População residente -Variação entre 2001 e 2011 (%)				
Variação Total	Grupos etários			
	0-14	15-24	25-64	65 ou mais
-5,55	-19,76	-31,96	-2,88	16,92

Fonte INE-Censos (2011): Adaptação própria.

Mesmo neste quadro menos positivo devemos salientar o voluntariado juvenil que alinhando no mesmo sentido do Associativismo, isto é, embora envolvendo um número modesto de jovens aporta-lhes um sentido de responsabilidade social, uma responsabilidade perante si e que pode por si mesmo agir no sentido de mudança social (Silva, 2005).

Das Associações juvenis existentes, no concelho de Chaves, apenas podemos salientar duas com práticas de voluntariado, o Agrupamento 198 do Corpo Nacional de Escutas e a Voz da Juventude - Associação Juvenil de Desenvolvimento Social, o que é sinónimo de uma grande carência de dinâmica juvenil, cívica e democrática.

Numa perspetiva individual, o voluntariado, é resultante de uma escolha, de uma opção, ética e pessoal que só por si é altruísta quando penetra na esfera pessoal dos outros e

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens desenvolve a sua ação de forma organizada no interesse coletivo tentando melhorar determinada realidade eficazmente.

Numa perspetiva histórica, o voluntariado, é o resultado de um processo consciente de determinadas práticas que dadas as suas características de flexibilidade e dinamismo se encontra na linha da frente quando falamos de necessidades humanas, atenção social e intervindo em novos espaços (Lopes, 2006).

Esta intervenção em novos espaços fez brotar um voluntariado que *“está expresso nas práticas do associativismo, no universo das entidades não lucrativas, nas ações cívicas e de vizinhos, nos movimentos juvenis, nas entidades educativas para o tempo livre de crianças e jovens”* (Lopes, 2006:434), pois é também nossa opinião, que Animação não é exclusiva de Animadores e o Animador deve saber chamar até si voluntários.

Devemos atentar que o conceito de voluntariado é bastante abrangente, tomado informalmente, ele representa um impulso para a ação que nasce da vontade individual, familiar, comunitária, de vizinhança, da solidariedade ou outro valor, mas de um ponto de vista formal, o conceito tem uma vertente mais projetada, programada, embora realizada de forma livre e desinteressada é desenvolvido por instituições públicas ou privadas (Barbosa, 2012).

Visto como forma de exercer a cidadania, o voluntariado pode ser entendido de dois prismas distintos mas que se completam:

“As atividades de voluntariado são elas próprias o exercício de cidadania, na medida em que os sujeitos estão a pôr em prática os seus direitos enquanto cidadãos ou o voluntariado, praticado por aqueles que se encontram no exercício pleno da cidadania, é uma obrigação cívica, na medida em que se constitui como contributo necessário para aqueles que não possuem as condições de exercício pleno dos seus direitos sociais, civis ou políticos.” (Barbosa, 2012:13)

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Pelo referido, os movimentos associativos poderão ser os melhores a enquadrar o voluntariado, uma vez que podem vir a representar uma reconfiguração da sociabilidade e dos novos paradigmas emergentes, sendo ele próprio o reconhecimento de direitos e obrigações dos cidadãos, salvaguardando sempre a compatibilização do conceito formal e informal do voluntariado para que todo o processo seja crítico e prudente.

As realidades locais são o ponto de partida para que o:

“voluntariado seja um processo de consciencialização, espaço de aprendizagem, um contributo para o desenvolvimento local e para a participação democrática dos cidadãos através do exercício consciente e transformador da realidade.” (Viveiros, 2012:5)

O voluntariado é sinónimo de bem comum e nos tempos atuais qualquer cidadão pode exercer a sua autonomia e concretizar as suas ações de forma consciente no plano comunitário de forma a contribuir para o diluição das desigualdades socioeconómicas e culturais tentando localmente e democraticamente promover essa alternativa de forma justa, equitativa solidária e intercultural.

“Na verdade, não é fácil exercer a liberdade e a cidadania – ser pessoa e ser cidadão - por isso exige-se uma luta sem tréguas para erradicar assimetrias e exclusões socioculturais e criar cenários de esperança realizáveis, fundamentados em valores e princípios éticos, que requalifiquem a democracia com cidadãos participantes e comprometidos.” (Peres, 2006: 27)

Sendo as Associações juvenis espaços privilegiados de promoção da cidadania, sobretudo através de processos não formais, é nelas que se pode potenciar o desenvolvimento de práticas cívicas ativas, que são um recurso fundamental para a florescimento do voluntariado, completando a intervenção da ASC junto dos jovens na vertente social (Lopes, 2006).

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Neste prisma, pelo menos teoricamente, este protagonismo pode ser atingido por qualquer jovem, pois,

“ser voluntário é dar o seu tempo para defender o que se acredita, é participar na comunidade, exercer uma certa cidadania e tentar realizar iniciativas num espírito de cooperação, de coletividade e de solidariedade. Ser voluntário é defender valores e opiniões, é por em prática utopias e sonhos.” (Lopes, 2006:432)

Historicamente sempre existiram programas na área da juventude onde se desenvolveram diversas ações de voluntariado fossem estes a nível local, nacional ou mesmo internacional, mas é de salientar que objetivamente todos se poderiam fundir num só lema, *“ser voluntário e tornar o mundo mais humano.”* (Lopes, 2006:437)

2.4. O Associativismo juvenil e a ocupação dos tempos livres

“Só mediante constante ocupação podemos encontrar momentos desocupados.” (Aristóteles)

Numa época em que dispõem de mais tempo livre do que em épocas anteriores, as pessoas, por vezes, ignoram as possibilidades, boas ou más que lhes possam advir para si e para os seus descendentes, talvez por estarem sobrecarregadas com os seus problemas e por encararem o ócio como um problema que dá demasiado trabalho.

Tal como em épocas anteriores, procuram-se respostas para diversas perguntas, tais como aquelas relacionadas com a ocupação dos tempos livres. Talvez, se estes tempos não forem considerados um problema mas sim uma oportunidade para enriquecer as nossas vidas, não nos sentíssemos tão derrotados pela ideia de não ter nada para fazer.

Sabemos que nem todo o tempo livre é tempo liberto de obrigações, mas, é condição basilar para a existência de tempo de ócio.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

O ócio sendo um período de tempo por ocupar, por utilizar, para descansar, ou fazer o que quisermos quando nos sobra tempo para além daquilo que necessitamos de fazer para viver, podemos ter uma satisfação pessoal, preenchendo a nossa existência através da ocupação do nosso tempo livre de uma forma recreativa.

Lazer e ócio tem significado coisas diferentes nas mais diversas culturas, e hoje em dia, continua a não existir unanimidade de opinião quanto à sua significância, mas podemos concordar que, é um espaço de tempo no qual o nosso sentimento de obrigatoriedade deve ser mínimo e deve ser empregue de acordo com as preferências ou escolhas de cada indivíduo na ocupação do seu tempo livre.

“É importante considerar o tempo livre como ele é, um período bem definido dentro da totalidade temporal da vida humana, em que se pode intervir com abordagens específicas e propósitos educacionais, mas também com fins culturais.” (Ventosa, 2002:128)

É facto aceite e bem referenciado que hoje em dia o ócio cresce de forma industrial e devoradora, transformando o tempo livre em tempo de consumo individual ao qual temos de estar vigilantes.

De forma pedagógica, o associativismo juvenil, pode converter o tempo livre e de ócio em tempo de desenvolvimento de atividades que enriqueçam e potencializem nos jovens níveis de autonomia que lhes permitam de forma positiva e com qualidade usufruir desse mesmo tempo.

Podemos então falar no papel fulcral que uma Associação juvenil pode exercer na ocupação e na educação no tempo livre. Esta educação não formal permite a qualquer jovem desenvolver atividades educativas que lhe permite enriquecer pessoal e socialmente.

Sabemos que a educação para o tempo livre vem contemplada na Lei de Bases do nosso Sistema Educativo, mas uma Associação juvenil, dadas as características inerentes a um agrupamento de pessoas deste género, é um espaço em que o jovem se pode sentir

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

realizado integralmente como indivíduo e pode de forma criativa utilizar o seu tempo livre.

Estes espaços exteriores às escolas são espaços de comunicação privilegiados a diversos níveis, onde todos são responsabilizados na resolução dos seus problemas. Nas Associações juvenis as aprendizagens informais, serão as que vão contribuir para a primeira cultura nos jovens e que lhes vão possibilitar relações fundamentais com a vida permitindo pôr à prova toda a sua alegria e entusiasmo mas igualmente a sua frustração e o seu esforço de forma a dotá-los de sentido crítico e de capacidades de resolução de conflitos na sua relação com o mundo.

Neste sentido uma Associação juvenil pode responder as transformações sociais e económicas que tem grassado ao ponto de desenraizarem culturalmente determinados grupos sociais.

O associativismo juvenil apresenta características específicas na ocupação dos tempos livres dos seus associados pois são espaços frequentados por diferentes grupos etários, diferentes grupos étnicos, por vezes com culturas diferentes e com diferentes níveis de aprendizagem. O animador deverá, tendo em conta este espaço privilegiado, desenvolver projetos que permitam aos jovens serem os atores na compreensão da realidade, na organização do tempo e do espaço, na auto e na hetero avaliação das atividades realizadas. (Bramão, 2000)

“Se foi o ócio que permitiu aos gregos serem cidadãos livres também é necessário que os animadores (...) ajudem as crianças e os jovens a serem numa perspectiva global e diferenciada.” (Bramão, 2000: 160)

Capítulo III – Processo Metodológico

CAPÍTULO III – PROCESSO METODOLÓGICO

3.1. Métodos de investigação

“A Animação Sociocultural é uma metodologia de ação e intervenção. Mas atenção, por mais importante que seja a ação e as tarefas bastantes exigentes a que o animador dedica o seu valioso tempo, este deverá ter consciência que sem a investigação, a ação tende a converter-se numa prática rotineira.” (Lopes, 2008:327)

Para estudar qualquer fenómeno é necessário definir os métodos, de modo a conseguir a veracidade ou não do problema formulado dando corpo às proposições apresentadas, ou seja, traçar um caminho.

“A cada tipo de estudo corresponde um desenho que especifica as atividades que permitiram obter respostas fiáveis às questões de investigação ou às hipóteses. (...) o desenho deverá mostrar como a situação será estruturada a fim de que os dados sejam colhidos com a menor contaminação possível por factores externos que possam fornecer outras explicações que não as previstas.” Fortin (2003:133)

Como uma investigação científica que pretende ser e sabendo que o conhecimento não se constrói a partir de uma perspetiva única, o presente estudo pretende através de uma abordagem qualitativa mas também quantitativa explorar, descrever e interpretar refletidamente uma dada realidade, de forma indutiva, enquadrando-se no paradigma interpretativo de nível I (Fortin, 2003).

Desta forma, *“as duas abordagens podem ser complementares e adequadas para minimizar a subjetividade e aproximar o pesquisador do objeto de estudo.” (Vilelas, 2009:114)*

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Existem obviamente divergências entre as abordagens qualitativas e quantitativas reflexo de diferenças epistemológicas, estilos de pesquisa e formas de construção teórica, mas apesar das suas especificidades, não se excluem.

“Nas ciências sociais, o objeto de estudo é, muitas das vezes, o próprio sujeito humano, complexo e singular. (...) O íntimo e o subjetivo, por definição dificilmente quantificáveis, são o terreno onde se movem portanto os métodos qualitativos.” (Vilelas, 2009:117)

A opção metodológica qualitativa é fortemente envolvida pela complexidade, descrição e compreensão de um processo, mais do que nos seus resultados ou produtos, permitindo aceder à realidade em estudo de forma contextualizada e enriquecida pelos significados atribuídos pelos próprios participantes.

Devemos salientar, quanto aos dados,

“a impossibilidade de generalização dos mesmos. Os dados obtidos permitem ao investigador teorizar sobre o processo que é alvo de estudo mas não poderá aferir sobre a frequência desse processo na sociedade.” (Neves, 2012:226)

O investigador qualitativo estudando determinados fenómenos no seu contexto natural vê-se envolvido pessoalmente e a sua parcialidade pode ser posta em causa, mas é nosso objetivo, neste estudo essencialmente conceptual, efetuar uma análise de dados documentais e realizar questionários, utilizando técnicas qualitativas de análise, refletidas na operacionalização dos documentos específicos e técnicas quantitativas de análise, retratadas nos quadros analíticos deste estudo.

Nessa perspetiva, a abordagem quantitativa

“geralmente, garante um maior nível de confiança para o conjunto de informação obtida (...) de uma maneira sistemática (...) sem qualquer limitação ou controlo impostos ao pesquisador.” (Vilelas, 2009:106-107)

As relações entre as abordagens qualitativa e quantitativa, resumidamente, demonstram que:

“- as duas metodologias não são incompatíveis, podendo ser integradas num mesmo projeto;

- uma pesquisa quantitativa é susceptível de levar o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas, e vice-versa;

- a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna com o reconhecimento das situações particulares, grupo específicos e universos simbólicos.” (Vilelas, 2009:118)

No final, estas abordagens de investigação pretendem o desenvolvimento de determinado conhecimento, mais do que avalia-lo. (Fortin, 2003)

“O conhecimento científico é conquistado, construído e verificado, conquistado sobre os preconceitos, construído pela razão, verificado nos factos, nesse caso estes três actos são a ruptura, a construção e a verificação.” (Quivy e Campenhoudt, 2005: 25-26)

3.2. Tipo de estudo

Quanto ao procedimento, o investigador tem ao seu dispor um variado conjunto de tipos de estudo, mas, a sua escolha não é feita de forma aleatória, mas sim, a partir de um nível de conhecimento existente num domínio particular. (Fortin, 2003)

Desta forma, pretendendo ser um processo ativo, sistemático e rigoroso que aborde um fenómeno contemporâneo, é nossa intenção que a investigação que vamos realizar seja um estudo de caso, pois abordará uma unidade social caracterizada por uma natureza particular num determinado contexto. (Vilelas, 2009)

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

“O estudo de caso consiste numa investigação aprofundada de um indivíduo, de uma família, de um grupo ou de uma organização”. Fortin (2003: 164)

A escolha de um estudo de caso, nesta perspetiva, é apropriada pois este procedimento técnico é utilizado *“para se determinar se os pressupostos de uma construção teórica são corretos.”* (Vilelas, 2009:142)

“Os estudos de caso são particularistas, descritivos, heurísticos e baseiam-se no raciocínio indutivo ao manejar múltiplas fontes de dados.” (Pérez Serrano, 2011:104)

Para compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos específicos como o que se pretende estudar, o estudo de caso remete-nos para uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada à:

“análise de grupo, cujo aspecto qualitativo nos permite extrair as conclusões derivadas dos fenómenos reais ou simulados, numa linha formativo-experimental, de desenvolvimento da personalidade humana ou de qualquer outra realidade individualizada e única.” (Pérez Serrano, 2011:104)

Nesta metodologia os resultados são bastante realistas, no entanto, os mesmos não são generalizáveis e a validade interna do estudo pode ser limitada devido à subjetividade do observador.

As conclusões deste tipo de estudo devem ser claramente transmitidas numa declaração escrita de forma a serem compreendidas e a não levantarem dúvidas sobre a descrição do objeto de estudo. (Vilelas, 2009)

Para ser eficiente, este tipo de estudos deve ter:

“o seu objecto bem definido, devendo o caso escolhido ser representativo do problema ou fenómeno a estudar, os materiais e dados ser recolhidos com precaução, a linguagem, clara e homogénea e as conclusões produzidas ser bem explícitas, constituindo novas informações.” (Vilelas, 2009:148)

3.3. Unidades de análise

Qualquer investigador vê-se obrigado a pesquisar de forma exaustiva, de forma a recolher informação que já existe relacionada com a problemática em estudo, mas também informação emanada dos atores da realidade social que se pretende estudar.

“Não basta saber que tipos de dados deverão ser recolhidos. É também preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social e no tempo.” (Quivy e Campenhoudt, 2005: 157)

O investigador centra-se na seleção das unidades de análise e da população do estudo que é identificada por critérios que especificam a sua dimensão. A amostra é determinada quanto ao seu tamanho dependendo dos objetivos da investigação. (Vilelas, 2009)

No que diz respeito à população alvo é importante salientar que:

“as características da população definem o grupo de sujeitos que serão incluídos no estudo e precisam os critérios de selecção.” (Fortin, 2003:133).

Para uma análise representativa da população que totaliza uma média de 100 associados, tentando manter uma estreita vinculação com a prática, foi selecionada uma amostra

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

aleatória simples de jovens com idades entre os 10 e os 15 anos, uma vez que “ *a probabilidade que cada elemento tem de aparecer na amostra é exactamente a mesma.*” (Vilelas, 2009:248)

Pensamos que o método de amostragem será o mais adequado uma vez que o tamanho da população não é muito extenso, sendo este “*um factor importante na determinação dos resultados significativos do ponto de vista estatísticos.* Fortin (2003:133)

No sentido de alcançar os objetivos propostos, este estudo teve por base a cidade de Chaves, no distrito de Vila Real, tem uma população de 16.466 habitantes no seu perímetro periurbano (INE, 2011), é sede de um município com 591,23 km² de área e 41 243 habitantes (INE, 2011), subdividido em 39 freguesias, onde apenas existem 5 Associações juvenis registadas, motivo que nos leva a tentar compreender se uma associação juvenil num território definido é um garante da promoção da cidadania e do desenvolvimento pessoal e social quando auxiliada pelas ferramentas que a Animação Sociocultural oferece.

3.4. Técnicas de investigação

“De acordo com o modelo do processo de investigação, uma vez elaborados os elementos teóricos e definido o tipo de estudo, é necessário escolher as técnicas de recolha necessárias para construir os instrumentos que nos permitem obter os dados da realidade.” (Vilelas, 2009:265)

O investigador seleciona as técnicas de recolha de dados através dos quais pode obter dados concretos, cujo grau de fidelidade e validade são irrevogáveis, e/ou dados subjetivos que serão obtidos pela observação, entrevista ou questionários, entre outros que são fornecidos pelo investigador ou pelos sujeitos.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

“Os dados podem ser colhidos de diversas formas junto dos sujeitos. Cabe ao investigador determinar o tipo de instrumentos de medida que melhor convém ao objectivo do estudo, às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas.” Fortin (2003:240)

Levando em linha de conta as unidades de análise estabelecidas consideramos que o inquérito por questionário misto⁴ será a técnica de recolha de dados mais adequada. No questionário misto, há uma combinação das vantagens do questionário fechado e aberto, pois neste tipo de inquérito existe a possibilidade das questões serem fechadas mas sem menosprezar as respostas livres. (Vilelas, 2009)

“O inquérito representa toda a atividade de investigação no decurso da qual são colhidos dados junto de uma população ou porções desta a fim de examinar as atitudes, opiniões, crenças ou comportamentos desta população.” Fortin (2003:168)

A análise de conteúdos irá passar, também, por diversa documentação, nomeadamente, plano de atividades, relatórios de atividades, registos sócios e da sua frequência nas atividades programadas e desenvolvidas, tabelas referenciais do IPDJ (Instituto Português do Desporto e juventude) e outros de que ao longo da investigação se revelem significativos.

Não menos importante para o investigador é *“obter a colaboração e as autorizações necessárias de investigação e de ética”* (Fortin, 2003:132), e assim sendo, durante todo o estudo será sempre preservada a identidade dos sujeitos, tratando-os respeitosamente de modo a obter uma cooperação sincera e empenhada. Será explicado claramente aos inquiridos a forma como serão utilizadas as respostas dadas e a consequente divulgação dos resultados, pois *“a informação documental diz-nos o que é mais importante e valorizado para as personagens do grupo e, nesse sentido, é importantíssima para o seu estudo.”* (Neves, 2012:236)

⁴ Ver ANEXO 4, páginas 102/104

A informação processada será analisada indutivamente, pois dela dependerá, a resolução ou não das questões inicialmente formuladas, mas,

“deverá fazer-se uma revisão sistemática de toda a informação disponível, julgando a sua qualidade e o grau de confiança que merece, para determinar que parte deve ser corrigida ou modificada e que parte, devido às suas graves deficiências, deverá ser excluída.” (Vilelas, 2009:308)

Por fim, é necessário recompor aquilo que a análise separou, de forma a dar ao conjunto de conclusões e análises um sentido único, uma conclusão final daquilo que foi feito, segundo o planeado, como resposta às questões levantadas inicialmente. (Vilelas, 2009)

Capítulo IV – Apresentação e Análise de Dados

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS RELATIVOS AOS QUESTIONÁRIOS

4. Apresentação e análise de dados relativos aos questionários

Uma vez a informação recolhida o investigador analisa os resultados e interpreta-os. Esses resultados *devem demonstrar uma certa lógica em relação às questões de investigação e às hipóteses*. (Fortin, 2003:331)

Analisar, deve ser sinónimo de decompor o todo em partes que, e em contradição, e em complementaridade com a síntese, se vai explorar as relações entre as partes procedendo assim à reconstituição da totalidade inicial. (Vilelas, 2009)

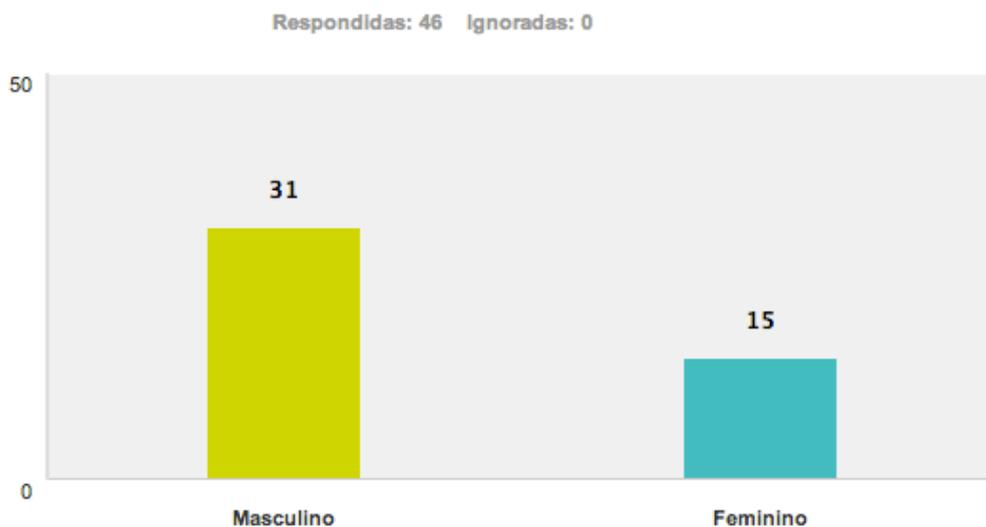
Desta forma e de acordo com o que tínhamos estabelecido, pensamos que a amostra nos permitiu tirar as devidas conclusões sobre o estudo a que nos propusemos, embora, algumas das suas limitações, podem ser o fruto da proximidade à realidade vivida na Associação Voz da Juventude, podendo assim o autor ser levado a generalizar ou a valorizar determinadas evidências em detrimento de outras.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Num universo de 103 associados, foram realizados inquéritos por questionário misto tendo-se obtido 46 respostas, o que correspondem a 44,6% da população.

Questão 1 – Sexo

Quadro n.º 5: Sexo dos inquiridos



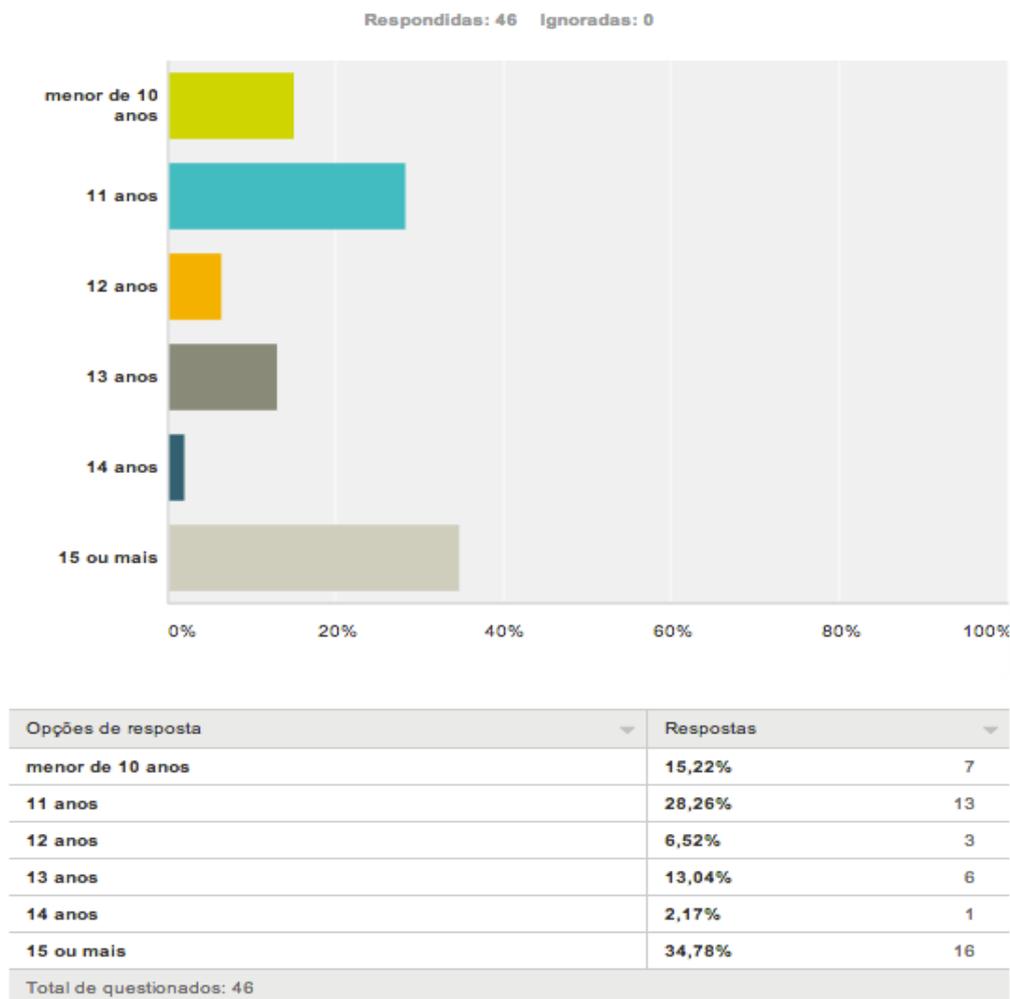
Opções de resposta	Respostas
Masculino	67,39% 31
Feminino	32,61% 15
Total de questionados: 46	

Fonte: Adaptação própria

Entre as 46 respostas contabilizadas, verifica-se um ascendente masculino, numa relação 31/15. Este aspeto revela-nos que embora a população feminina seja mais numerosa no concelho de Chaves, segundo os dados dos Censos 2011 já citados, é a população masculina a que mais frequenta a Associação para ocupar os seus tempos livres.

Questão 2 – Idade

Quadro n.º 6: Idade dos inquiridos



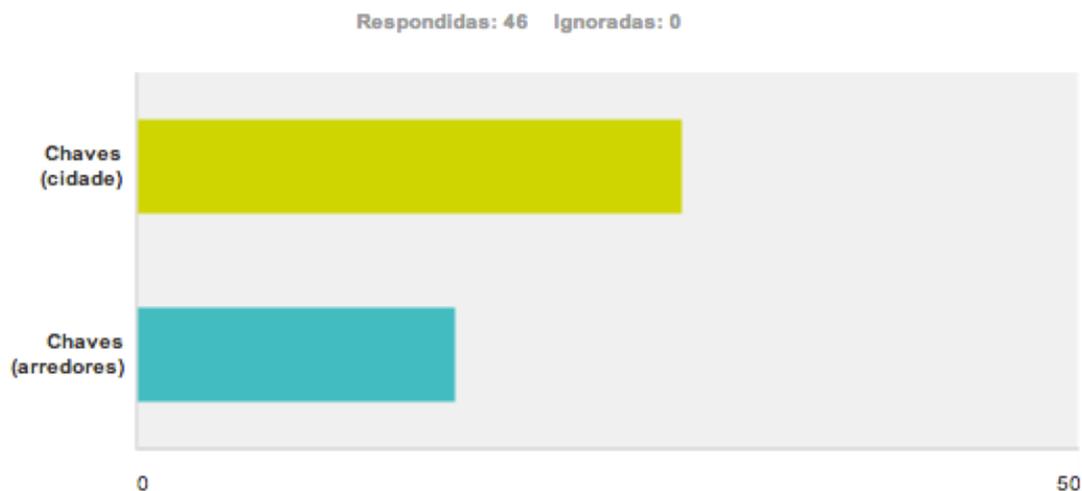
Fonte: Adaptação própria

Este gráfico demonstra de forma evidente que a faixa etária com mais expressão numérica é a dos 15 ou mais anos, sinónimo de que a procura associativa destes jovens apresenta uma forte componente de voluntariado, pois muitos destes jovens são os promotores de atividades juntos das faixas etárias mais novas.

De realçar que os jovens de 12 anos e 14 anos tem pouca expressividade no que concerne aos associados. Pensamos que tal poderá ser explicado pelas características subjacentes aos processos sociais e cognitivos que são inerentes aos estádios desta faixa etária. Salientamos, ainda que, com 12 anos ocorre a mudança do 2º para o 3º ciclo, no 7º ano e aos 14, 15 anos termina o ensino básico e dá-se a passagem para o ensino secundário, momentos estes determinantes na maneira de pensar dos jovens.

Questão 3 - Morada

Quadro n.º 7: Morada dos inquiridos



Opções de resposta	Respostas
Chaves (cidade)	63,04% 29
Chaves (arredores)	36,96% 17

Total de questionados: 46

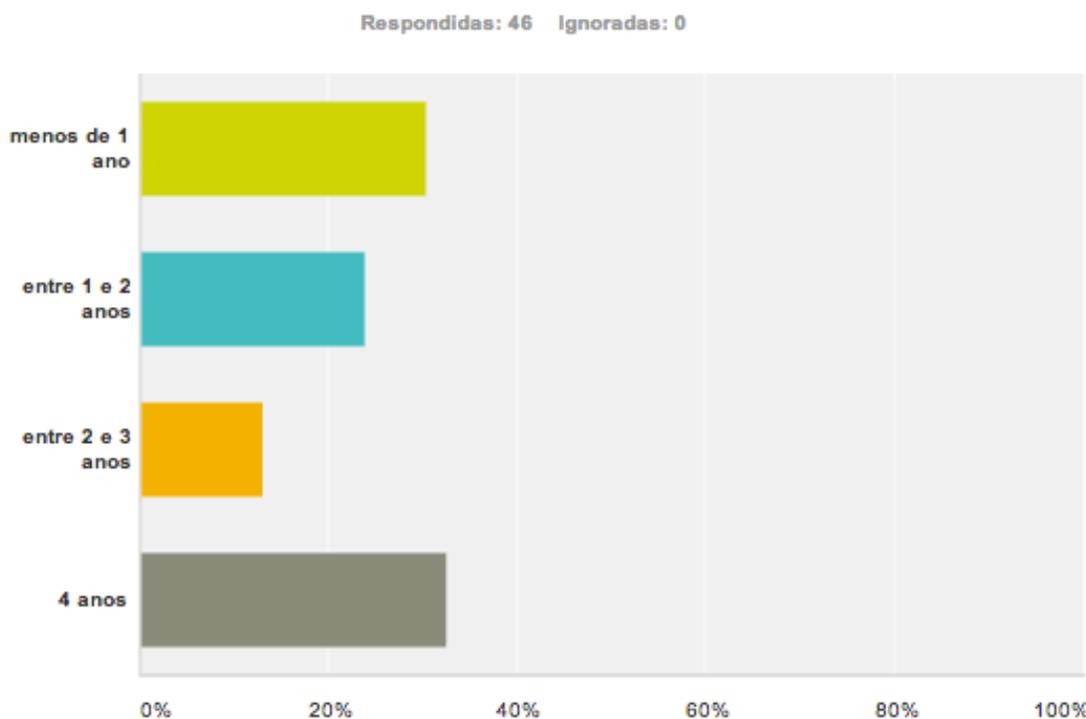
Fonte: Adaptação própria

A residência dos associados mostra-nos que maioritariamente estes habitam na cidade, embora tendo uma intervenção fundamentalmente urbana, a Associação ainda consegue atrair população jovem que mora nos arredores da cidade e mesmo em zonas rurais próximas da cidade.

Este fator leva-nos a concluir que apesar das motivações criadas por uma civilização globalizante e até mesmo fútil, encontra ainda os verdadeiros valores da cultura comunitária mantendo assim a identidade cultural de um povo, ainda que jovem, que se recusa a perder essa mesma identidade. Não é assim de estranhar que o movimento associativo continue a ser um dos grandes meios catalisadores das afirmações supracitadas.

Questão 4 – Há quanto tempo frequentas a Associação “Voz da Juventude”

Quadro n.º 8: Tempo de frequência da Associação pelos inquiridos



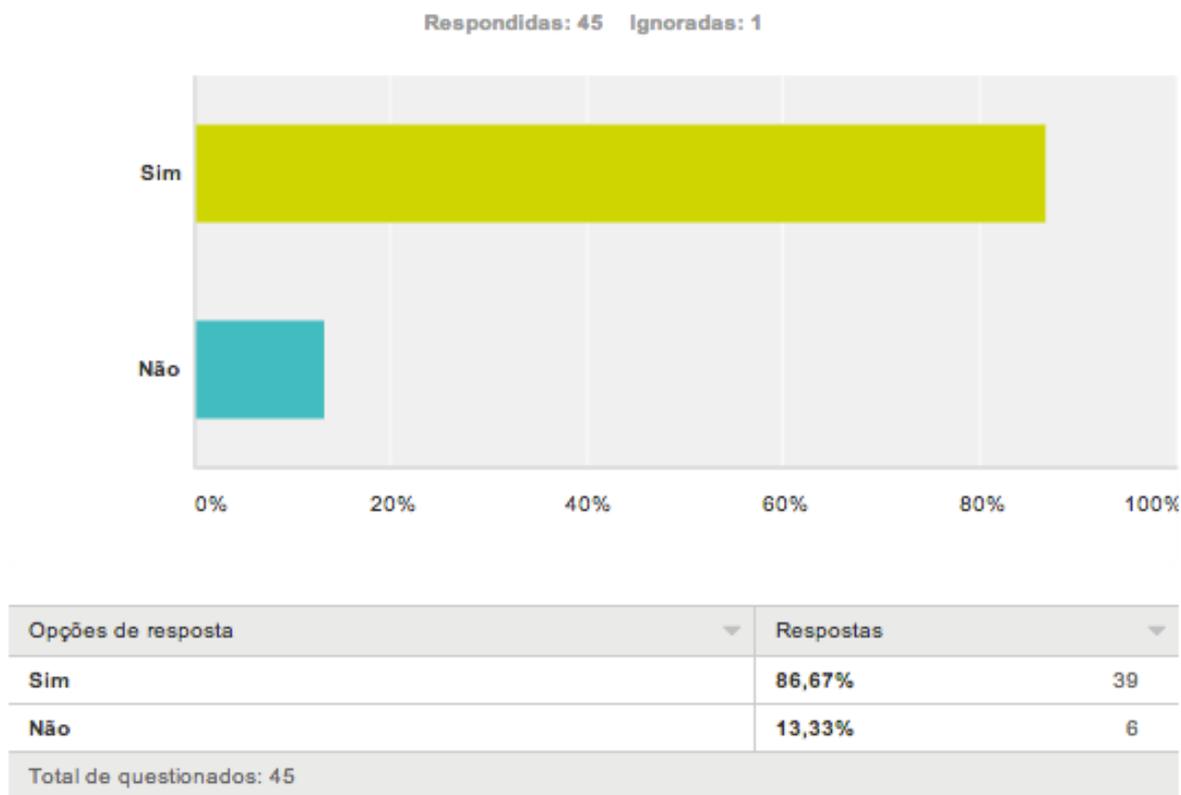
Opções de resposta	Respostas
menos de 1 ano	30,43% 14
entre 1 e 2 anos	23,91% 11
entre 2 e 3 anos	13,04% 6
4 anos	32,61% 15
Total de questionados: 46	

Fonte: Adaptação própria

Este gráfico evidencia que existe um grande número de associados que se mantêm ativos desde a fundação da Associação Voz da Juventude. Apesar de se constatar um ligeiro decréscimo de associados no segundo ano podemos constatar que nos anos sobrejacentes verificou-se a entrada de novos membros como indicam os valores apresentados. Esta situação decorre, em nosso entender, pelo facto de uma expectativa em relação às atividades a desenvolver que depois de consolidadas motivam a adesão de novos membros.

Questão 5 - A “Voz da Juventude” desenvolve atividades interessantes?

Quadro n.º 9: Interesse do inquirido pelas atividades desenvolvidas



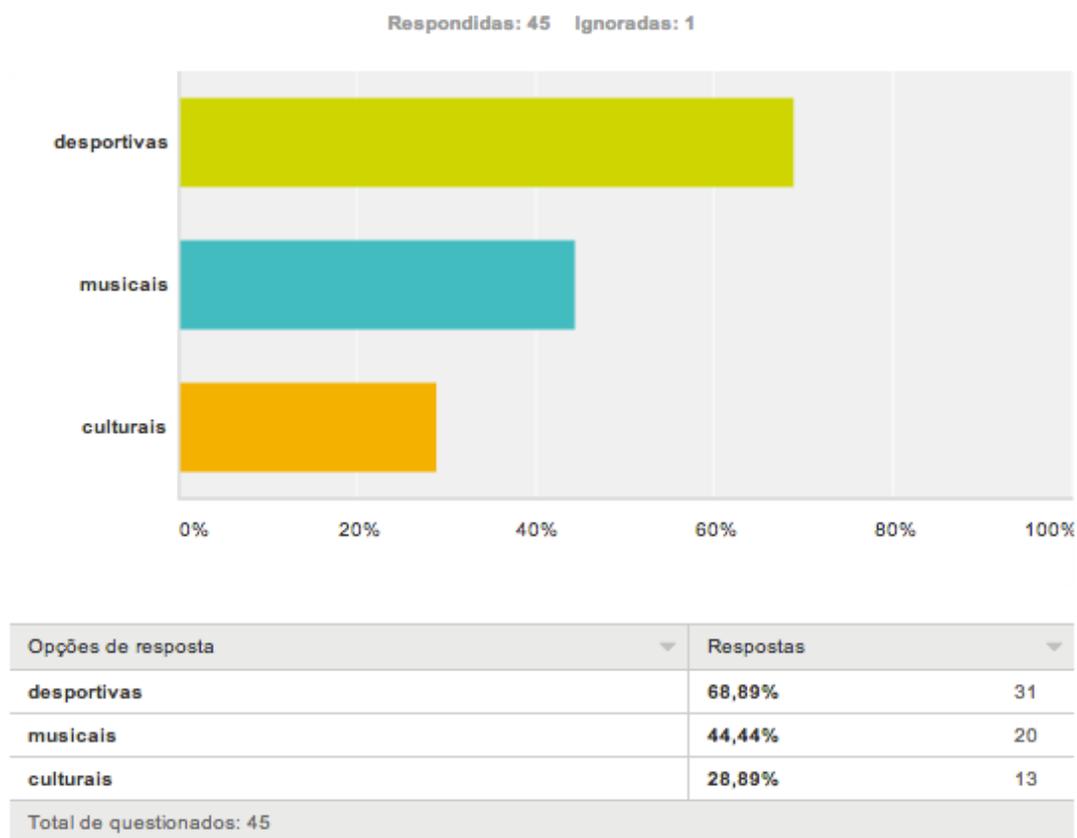
Fonte: Adaptação própria

De soberana importância, para qualquer Associação, é saber se os seus associados estão satisfeitos com as atividades por si desenvolvidas.

No caso da Voz da Juventude, a esmagadora maioria dos associados inquiridos demonstra que se sente satisfeita com as atividades desenvolvidas, sendo esse facto, um feedback extremamente positivo. No entanto, não seríamos realistas se não fosse feita referência à percentagem de jovens que, na Associação, não encontra respostas às suas necessidades e ansiedades como explicita o quadro em análise, embora, numa percentagem que consideramos pouco significativa.

Questão 6 – Quais as atividades que mais te agradam?

Quadro n.º 10: Atividades que agradam o inquirido



Fonte: Adaptação própria

É de salientar que a atividade desportiva domina os interesses dos jovens, o que é de reforçar pois o bem-estar e desenvolvimento físico e motor nestas faixas etárias é fundamental e estruturante.

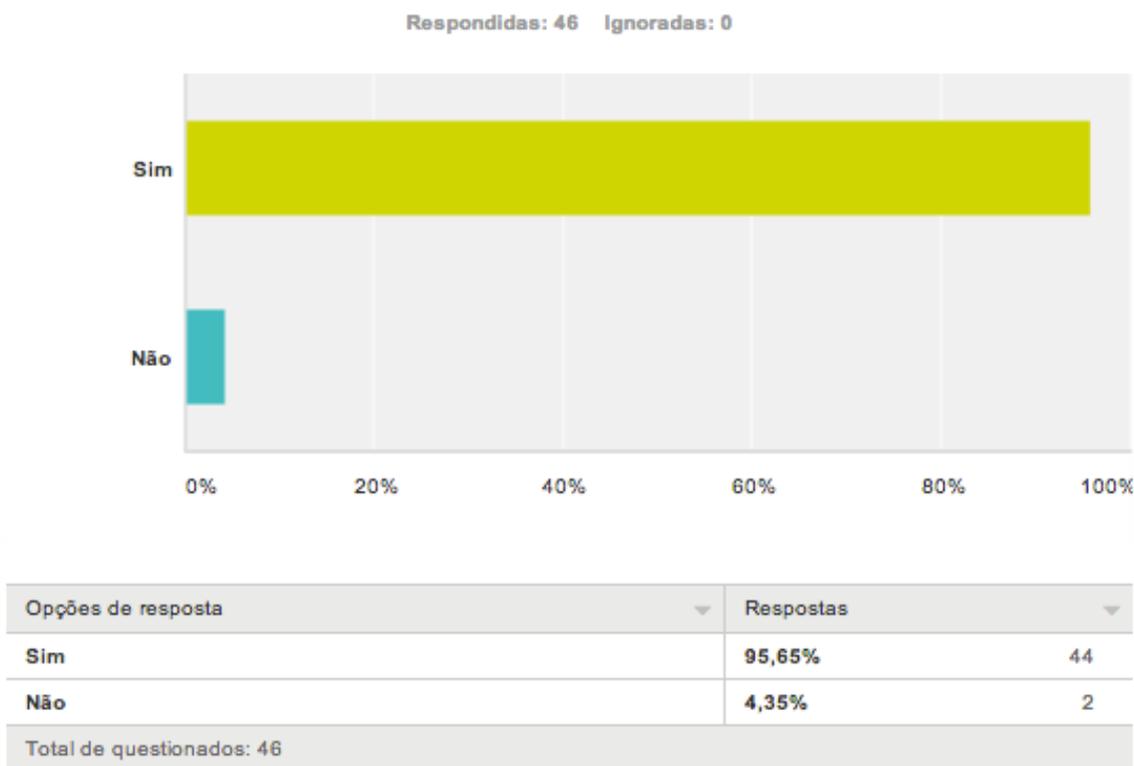
As atividades musicais são, também, do agrado dos associados, facto que não é estranho a estas faixas etárias. Entre outras, os inquiridos escolheram, em resposta livre, o canto, o piano e a viola como atividades musicais da sua preferência.

Das opiniões expressadas, também em resposta livre, encontram-se as que demonstram preocupações ambientais e sociais, que embora diminutas, quantitativamente, deixam antever uma geração preocupada, atenta e interessada em preservar uma qualidade de vida que caracteriza esta região.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Questão 7 – A “Voz da Juventude” ajuda-te a ocupar os teus tempos livres?

Quadro n.º 11: Importância da Associação na ocupação dos tempos livres



Fonte: Adaptação própria

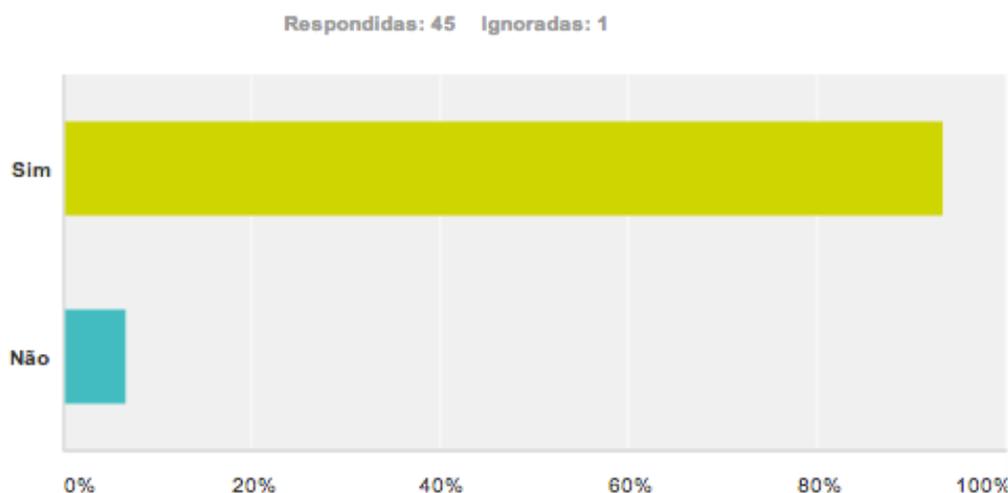
É forte e evidente a opinião expressa pelos inquiridos quanto à importância e utilidade de se associarem, sinónimo da sua importância e do lugar que ocupa no espaço urbano onde se sedia.

Num espaço urbano em que a Associação, Voz da Juventude, se perfila como a única alternativa na ocupação os tempos livres dos jovens é relevante que os seus associados sintam que esta ocupa um papel importante no seu quotidiano. Mais uma vez podemos constatar a importância do movimento Associativo enquanto elemento agregador de valores, camaradagem, partilha, animação, os quais são elementos estruturantes de jovens que almejam um dia fazer parte de uma sociedade justa e perfeita.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Questão 8 – O facto de frequentares a Associação, “Voz da Juventude” é útil para tua vida?

Quadro n.º 12: Utilidade da Associação na vida do inquirido



Opções de resposta	Respostas
Sim	93,33% 42
Não	6,67% 3
Total de questionados: 45	

Fonte: Adaptação própria

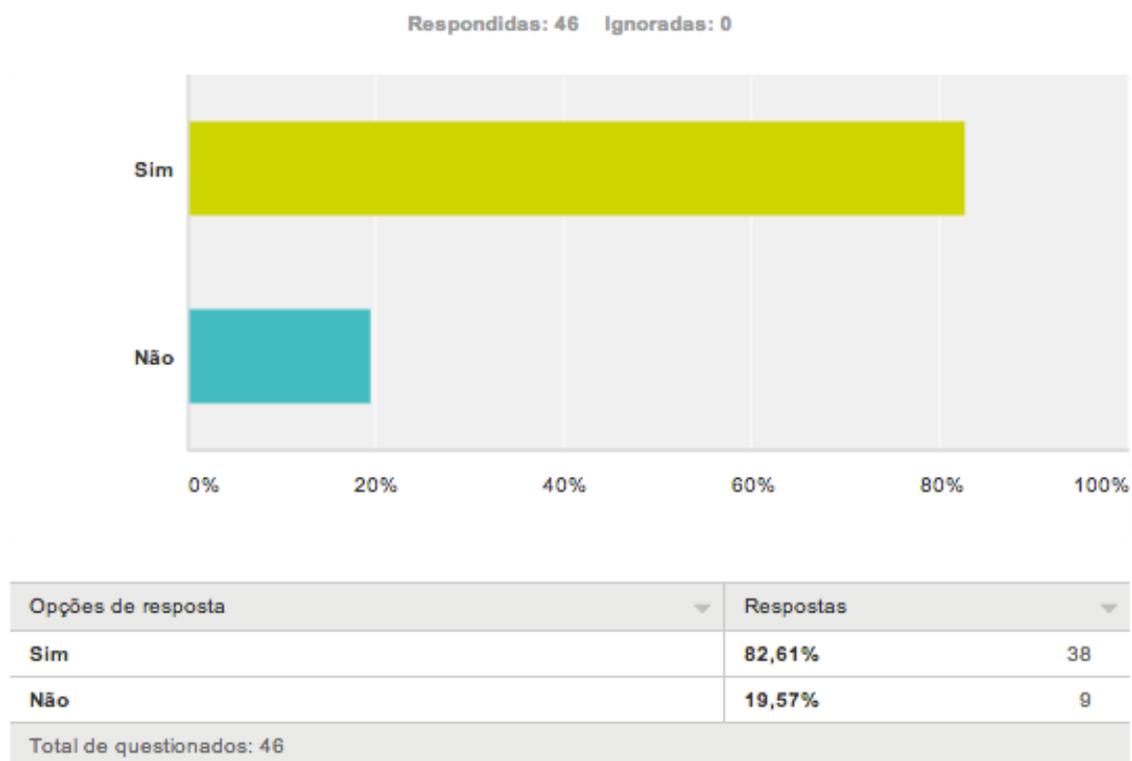
Novamente é evidente neste quadro que os associados são quase unânimes sobre a importância da existência de uma Associação juvenil com as características já enumeradas.

Um inexpressivo número de inquiridos não encontra utilidade no facto de ser associado na Voz da Juventude, mas o que é evidente é que, mesmo assim, a frequenta. Pensamos que tal evidencia que não sendo possível satisfazer as suas necessidades e resolver os seus problemas a Associação ainda lhes é útil na ocupação dos seus tempos livres.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Questão 9 – Como associado sentes que a tua opinião é ouvida e é útil à Associação?

Quadro n.º 13: Sentimento sobre a opinião do inquirido e sua importância na Associação



Fonte: Adaptação própria

Os resultados apresentados demonstram que uma grande percentagem dos associados inquiridos tem noção que a sua opinião é escutada e que essa sua manifestação influi nos destinos da Associação e nas atividades por ela desenvolvidas.

Seria estranho se não existissem inquiridos cuja opinião divergir-se da maioria e que sentissem que a sua ideia não é tomada em conta e concretizada. Não nos podemos esquecer que as faixas etárias em análise são caracterizadas por mostrarem sempre o seu desagrado a algumas das atividades sugeridas ou até mesmo os gostos de alguns dos associados não serem possíveis de realizar tendo em conta que alguns casos resvalam no absurdo.

Apesar de tudo os aspetos focados evidenciam uma vivência democrática dentro da Associação

Questão 10 – Qual a tua sugestão para que a Associação possa melhorar?

Nesta questão aberta reafirma-se a tendência, como já verificámos na questão n.º 6, para as atividades desportivas, às quais os inquiridos nas múltiplas sugestões dadas acrescentam a nataçãõ, o atletismo e jogos diversificados.

No campo musical existe uma grande vontade expressa pelos inquiridos para realizar mais espetáculos e concertos o que acompanha a prática da Associação desde a sua formação.

Reflexo da era tecnológica em que vivemos alguns dos jovens sugerem a introdução ou melhorias de equipamentos que lhes permitam estar na vanguarda da informática e da internet.

É de salientar que um número singelo de associados apela à realização de atividades que visem o auxílio à comunidade e a proteção do ambiente, apesar de algumas destas atividades já serem desenvolvidas pela Associação sobretudo na atuação voluntária de alguns jovens de faixa etária mais elevada como atrás tínhamos referido.

Devemos, também, referir que alguns dos jovens inquiridos manifestaram-se no sentido em que a Associação não deveria efetuar grandes alterações na sua conduta, devendo crescer, mas regendo-se pelos mesmos princípios e desenvolvendo as suas atividades de forma fraterna e solidária como o tem feito.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Conclusão

CONCLUSÃO

Ter tempo para si mesmo é sem dúvida uma das conquistas mais importantes do ser humano. A possibilidade de usar o tempo livre de uma forma saudável, criativa e agradável é uma das formas mais promissoras de se sentir livre e viver em plenitude.

Ao longo dos tempos a definição de tempo livre, ócio e lazer sofreu transformações, que embora muitas das vezes entendidos como um e o mesmo conceito, na verdade, eles diferem e nesse sentido são objeto de estudo permanente.

Sinónimo desta preocupação, é a procura pedagógica em enquadrar as atividades respeitantes a estes conceitos no seio da nossa sociedade de acordo com as diferenças socioculturais que a caracterizam, tentando combater a industrialização passiva e consumista do ócio.

Neste sentido pensamos que o Associativismo juvenil é pedra basilar no fomento de uma análise crítica dos associados face às atividades de ócio e de ocupação dos tempos livres que realizam ou realizarão. É importante conhecer as opções existentes para que anule a passividade do desconhecimento dessas mesmas alternativas.

Embora sejam conceitos díspares, o ócio, o lazer e os tempos livres encontram-se obviamente em simbiose social, cultural, educacional, económica e pessoal, pois são de vital importância ao equilíbrio da sociedade, facto que realça igualmente a necessidade de uma precoce pedagogia do ócio, para os tempos livres e nos tempos livres.

Face aos resultados obtidos e analisados no capítulo anterior podemos verificar que os jovens associados da Voz da Juventude manifestam-se positivamente, quanto à sua participação nas atividades desenvolvidas, quanto a utilidade da associação para a sua vida e na ocupação dos seus tempos livres e quanto a sua opinião é importante no quotidiano da Associação, o que é facto de assinalar, mas, deveremos questionarmo-nos sempre se realmente a existência de uma única Associação juvenil é o suficiente numa região urbana do interior do país e se a existência de outras não traria mais benefícios

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens aos jovens que por diversas razões não se enquadram ou não tem possibilidades de participar nas atividades desenvolvidas por esta Associação.

Nesta linha de pensamento deixamos algumas reflexões sobre a importância desta Associação que poderão, quem sabe, ser extrapoladas para próximas iniciativas de iguais características.

É facto sobejamente estudado e documentado, que a já referida pedagogia do ócio, é algo de essencial na construção de um cidadão adulto que irá compreender o seu tempo e o seu mundo de forma crítica e, consciente da sua situação social e cultural tornar-se responsável pelo seu destino, organizando-se de acordo com um projeto pessoal e coletivo no qual é ator na transformação do mundo que o rodeia.

Também é facto que, essa educação deve ser iniciada como complemento à educação formal da escola, em “(...) *outras instituições, meios e âmbitos nem sempre reconhecidos como especificamente educativos: trata-se dos conceitos de educação informal, educação não-formal (...)*” (Trilla & Rovira, 2000: 66-67), que podem ser sobejamente explorados em Associações caracteristicamente juvenis, onde a ASC por intermédio dos animadores pode levar a cabo um processo educativo com um método e objetivos bem definidos.

No caso estudado os objetivos têm sido alcançados, mas é nossa opinião que os métodos, os objetivos, os projetos e as atividades desenvolvidas têm de ser consecutivamente avaliados e reavaliados para que todo o esforço e empenho dos elementos que constituem as equipas permanentes, e os voluntários, tenham eco na vida dos jovens associados para que tudo não passe de mero ativismo, um fazer por fazer, em que não existe continuidade de processos.

Com esta preocupação em mente, ao tentarmos estudar quais as perspectivas destes jovens sobre o que é que, a Associação lhes oferecia na ocupação do seu tempo livre, deparamos com um grau de satisfação expressivo mas, que na nossa opinião, só a continuidade do projeto pode revelar os bons objetivos traçados e alcançados, porque de facto, numa altura em que o ócio, o tempo livre e a própria ASC se converteram em

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

produtos bem embalados de consumo imediato que tornam os jovens extremamente felizes mas que os torna vulgares, menos criativos e escravos dependentes, só pela continuidade é que se verificará o sucesso do projeto encetado há pouco mais de 4 anos por este grupo de jovens que se associaram voluntariamente.

Saliente-se igualmente que o estudo realizado nesta Associação, enquadra-se numa dimensão cultural e por isso, também, de lazer, de ócio e de tempo livre, privilegiado um espaço de práticas, representações, símbolos e rituais juvenis que buscam uma identidade própria desta faixa etária, através de múltiplas manifestações que lhes permite a (re)elaboração e (re)construção do mundo.

Pensamos ainda que, através do Associativismo juvenil, se nos empenharmos numa educação para o ócio e ocupação dos tempos livres habilitaremos jovens a encará-los de uma forma mais enriquecedora e criadora, através da utilização de recursos organizados, que não os diminuirá sempre que as oportunidades lhes sejam desvantajosas ou pouco satisfatórias. Poderá assim o futuro pertencer não só ao jovem fruto de uma educação formal, mas também aquele que sabe usar e usufruir do ócio e do tempo livre sensatamente. Incitando o jovem a viver uma nova experiência não deixando que ele se afaste daquelas que provaram ser úteis, estamos a contribuir para que a sua aprendizagem ocorra onde ocorrem a satisfação e o sucesso.

Vivendo num momento histórico em que os cidadãos vivem, cada vez mais, numa sociedade globalizante onde cresce o desemprego em que as pessoas se veem mais dependentes umas das outras, inclusive para a sua própria segurança, tememos que estes fatores sejam potencializadores da supressão de muitas liberdades, como a oportunidade de gozar de momentos de ócio, de tempo livre.

É provável que o ócio, o tempo livre ou tempo de lazer e o seu uso recreativo não constituam a solução absoluta para todas as panaceias juvenis e sociais mas, acreditamos que sim para parte delas.

Na realidade podem ser a última fortaleza para salvaguardar as liberdades individuais numa sociedade de forte cunho conformista, egoísta, consumista e tecnológica,

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

mantendo a nossa igualdade sem por isso perdermos a nossa qualidade de sermos únicos, permitindo ser, quem sabe, a maior força para a humanidade e a democracia se manterem e expandirem.

Deste modo, cabe a todos os intervenientes ativos, no Associativismo juvenil e na ASC, proporcionar oportunidades a todos os jovens para que este possam realizar os seus desejos, incluindo a possibilidade de gozar de momentos de ócio, de lazer e de tempo livre e podê-los transformar numa forma de ocupação construtiva, enriquecedora e harmoniosa no processo de construção de ser Homem.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Bibliografia

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (2003). *Voluntor – Testemunhos e experiência do voluntariado*. Messejana: Edição ESDIME

Abreu, C. & Branco, F. (Coord.). (1984). *O Associativismo Tradição e Arte do povo de Almada*. Almada: Câmara Municipal Almada.

ACERT. (2008). *Dinâmicas Associativas do Concelho de Tondela*. Tondela: Autor.

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*, Edições ASA, Lisboa.

Almeida, J. F. e Pinto, J. M. (1995), *A investigação nas Ciências Sociais*, Editorial Presença, Lisboa.

Aristóteles. (1993), *Poética*, Tradução Eurodo de Sousa, Ars Poética, São Paulo (Brasil).

Bramão, M. B. F. (2000). A educação para o tempo livre: uma reflexão breve sobre ATL. *Saber e Educar*. 1 (11), 147-162.

Coelho, L. B. (2008). *Associativismo e Desenvolvimento Local: O caso de Ribeira de Pena* (Dissertação de Mestrado - UTAD). Retirado em maio 15, 2012, de <http://repositorio.utad.pt/handle/10348/192>.

Costa, A. (1989), *A Pesquisa de Terreno em Sociologia*, in *Metodologia das Ciências Sociais*, Edições Afrontamento, Porto.

Costa, I. (2012): *Documentos de apoio às aulas disponibilizados no Moodle*.

Cuenca, M. C. (1984). *Educación para el ocio: actividades extraescolares*. Madrid: Cincel.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Dumazedier, J. (1979). *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Dumazedier, J. (1994). *A Revolução Cultural do Tempo Livre*. São Paulo: Studio Nobel.

Fernandes, A. A. (1998). “Identidade nacional e cidadania europeia” in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coord.) *Jovens portugueses de hoje*, Oeiras: Celta Editora, 307-357

Fernandes, E. (2003). O associativismo no tempo da globalização: *Voluntariado e cidadania democrática*. Revista Intervenção Social

Ferreira, J. M. C. (2009). Associativismo, terceiro sector e desenvolvimento local sustentável”, Atas do 5º Colóquio Ibérico de Cooperativismo e Economia Social. Santarém: Ed. INSCOOP.

Fonseca, A. C., Marco, K. (Organizadoras). (2009). *Economia da Cultura-Ideias e Vivências*. Rio Janeiro: Publit Soluções Editoriais.

Fortin, M. F. (2003). *O Processo de Investigação da concepção à realização*. 3ª Edição. Loures: Lusociência.

Giddens, A. (1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Goodolphim, C. (1974). *A associação. História e desenvolvimento das associações portuguesas*. Lisboa: Seara Nova (1ª ed., 1876). Páginas 23-24.

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2013). *Censos2011*. Retirado em junho 10, 2013, de <http://censos.ine.pt/xportal/xmainxpid=CENSOSpgid=censos2011apresentacao>

Lei n.º 46/86, Lei de Bases do Sistema Educativo

Leitão, S., Pereira, G., Ramos, J. e Silva, A. (2009). *Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal*. Lisboa: Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Lima, P. (2009). Campinácios. *Vivências de Animação Sociocultural*. (Dissertação de Mestrado - Universidade do Minho/Instituto de Estudos da Criança). Retirado em junho 12, 2012, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11018>.

Lopes, M. de S. (2008). *Animação sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção.

Lopes, M. de S. (Coord.). (2008). *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção.

Lopes, M. de S. (2007). Animação Sociocultural em Portugal. *Revista Iberoamericana Animador Sociocultural*. 1 (1), 57-67.

López, J. C. O. (2009). *La pedagogía del ocio: novos desafios*. Lugo: Axac.

Malheiro, J. (1996). *Associativismo Popular: Originalidade do povo português*. Almada: Câmara Municipal de Almada.

Marcellino, N. C. (2006). *Estudos do lazer*. Campinas, S.P.: Autores Associados.

Marcellino, N. C. (2008). Algumas aproximações entre lazer e sociedade. *Revista Iberoamericana Animador Sociocultural*. 2 (4), 4-16.

Martins, E. C. (Janeiro/Abril de 1995). Fundamentos de Animação Sociocultural no "Território" ou Comunidade. In *Ler Educação*, 12, 87-128.

Mendes, V. (2005). *Como construir uma associação*. Porto: Legis Editora, Lda.

Monteiro, A. A. (2004). *Associativismo e novos laços sociais*. Coimbra: Quarteto.

Neves, J. A. E. (2012). *O Ensino Artístico e a sua Didática como fatores determinantes da Educação - O Conservatório Regional de Música de Vila Real*. Vila Real: UTAD.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Nunes Viveiros, Albino Luís. (2008). *O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios*. Retirado em julho 3, 2012, de <http://quadernsanimacio.net>.

Pereira, J. L., Vieites, M. F. e Lopes, M. de S. (Coordenadores). (2007). *Animação, arte e terapias*. Chaves: Intervenção.

Pereira, J. L., Vieites, M. F. e Lopes, M. de S. (Coordenadores). (2008). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*. Chaves: Intervenção.

Peres, A. N. e Lopes, M. de S. (Coordenadores). (2007). *Animação Sociocultural-Novos Desafios*. Amarante: APAP (Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia).

Pérez Serrano, G. (2008). *Investigación cualitativa: retos e interrogantes I: Métodos*. Madrid: La Muralla.

Quintas, S. F. e Castaño, M^a. A. S. (1994). *Construir la Animacion Sociocultural*. Salamanca: Amarú Ediciones.

Quivy, R. / Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Trilla, J. (Coord.). (2004). *Animação Sociocultural – Teorias, programas e Âmbito*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ventosa, V. J. (2002). *Fuentes de la animación sociocultural en Europa*”. Madrid: Editorial CCS.

Ventosa, V. J. (2006). *Desarrollo y evaluación de proyectos socioculturales*”. Madrid: Editorial CCS.

Ventosa, V. J. (Coord.). (2006). *Perspectivas actuales de la Animación Sociocultural*”. Madrid: Editorial CCS.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Sílabo.

Sáez, P. del Oro, Fernández, B. X. e Gonçalves, J. C. (2006). *Relatório sobre a Juventude do Espaço Atlântico*. Vigo: Gráficas Planeta, S.L.

Zorrilla Castresana, R. (1990). *El consumo del ocio. Una aproximación a la teoría del tiempo libre desde la perspectiva del consumo*. Vitoria-Gasteiz: Serviço publicações do Governo Basco.

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

ANEXOS

ANEXO 2 – Alteração de Estatutos da Associação Voz da Juventude

Livro	Folhas
79-A	7

82-

ALTERAÇÃO DE ESTATUTOS

No dia sete de Outubro de dois mil e onze, no meu cartório, sito na Avenida Pedro Álvares Cabral, Edifício Angola, loja dez, em Chaves, perante mim, Ana Rita Fernandes Sá, notária, compareceram como outorgantes: -----

Hugo Manuel Alves da Silva, solteiro, maior, natural da freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Chaves, onde reside no Beco do Trem, n.º 10, titular do cartão de cidadão número 1ZZ2 com o número de identificação civil 11915741 emitido pela república Portuguesa e válido até 11/03/2014 e **Gonçalo dos Santos Alves**, solteiro, maior, natural da freguesia de Vitória, concelho do Porto, residente na Avenida 5 de Outubro, Via Calinária, na mesma freguesia de Santa Maria Maior, titular do bilhete de identidade número 13001500 de 22/11/2007, emitido em Vila Real pelos S.I.C., que outorgam na qualidade de, respectivamente, Presidente e Tesoureiro da Direcção e em representação da associação **A VOZ DA JUVENTUDE – ASSOCIAÇÃO JUVENIL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL**, N.I.P.C. 509 220 304, com sede na freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Chaves, qualidade e com poderes para o acto, conforme verifiquei pela acta da tomada de posse dos órgãos sociais da associação para o triénio de dois mil e onze/dois mil e catorze, ocorrida no dia treze de Maio mil e onze (acta número oito) e para formalizar a deliberação da reunião da Assembleia - geral da mesma associação do dia quinze de Julho de dois mil e onze (acta número nove), documentos que arquivo, bem como pelos estatutos da mesma associação, que me foram exibidos. -----

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos referidos

Mod 1-1 Esc. Div. A4 - Ana Pinto & Filhos - Viseu



documentos de identificação.-----

Por eles foi dito:-----

Que, naquela reunião de quinze de Julho de dois mil e onze foi deliberado modernizar e actualizar os estatutos que gerem a referida associação, a fim de a mesma poder ser considerada uma instituição particular de solidariedade social, efectuando uma alteração total dos mesmos.-----

Assim, formalizam o deliberado passando a associação a ser regida pelos estatutos constantes de um documento complementar anexo, elaborado nos termos do n.º 2 do artigo 64º do Código do Notariado, cujo conteúdo declararam conhecer perfeitamente, pelo que dispenso a sua leitura, o qual fica a fazer parte integrante desta escritura e que arquivo.-----

Verifiquei pela consulta dos certificados de admissibilidade de firma e denominação com o código 3017-5207-4180 (no portal da empresa *online*), que efectuei hoje pelas quinze horas e catorze minutos que à referida associação foi atribuído o certificado de admissibilidade número 2011041996, emitido em 4 de Outubro de 2011 e válido até 4 de Janeiro de 2012, documento que arquivo.-----

Esta escritura foi lida aos outorgantes e aos mesmos explicado o seu conteúdo.-----

Dr. Rui Almeida de Silva
Conselheiro das contas da Associação

A Notária

Ar. R. B. Ferreira

Conta registada sob o n.º Fº-1211/2011 1211-

Livro 79-A Fls 7
Documento n.º _____
Fls de Maço _____



A VOZ DA JUVENTUDE – ASSOCIAÇÃO JUVENIL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Capítulo I

Da denominação, sede e âmbito de acções e fins

Artigo 1.º – A Associação Juvenil de Desenvolvimento Social – A Voz da Juventude, pretende ser uma instituição particular de solidariedade social, com sede na antiga estação da CP (actual museu dos comboios, 1º andar), freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Chaves. -----

Artigo 2.º – A Associação Juvenil de Desenvolvimento Social – A Voz da Juventude tem por objectivos: -----

- Apoio Social a jovens/idosos e pessoas carenciadas; -----
- Campanhas de Solidariedade Social; -----
- Actividades e prestação de serviços no âmbito da prossecução do fim social;-----
- Realização de actividades de todos os âmbitos;-----
- Criação cultural e artística;-----
- Oportunidades para os jovens concretizarem as suas ideias e projectos;-----
- Estágios profissionais e serviço voluntariado.-----

O seu âmbito de acção abrange o concelho de chaves, composto por 51 freguesias.-----

Artigo 3.º – Para realização dos seus objectivos, a instituição propõe-se criar e manter as seguintes actividades:-----

- a) “Mão Solidária”;-----
- b) Campanha Solidária de Natal; -----

Ally

- c) "Cultura para todos";-----
- d) "ABC da Informática";-----
- e) "Aprender Brincando";-----
- f) Festival Infantil da Canção;-----
- g) Campo de Férias;-----
- h) Agro-Jovem;-----
- i) Banco de Horas;-----
- j) Concertos Solidários.-----

Artigo 4.º – A organização e funcionamento dos diversos sectores de actividades constarão de regulamentos internos elaborados pela Direcção. --

Artigo 5.º – 1. Os serviços prestados pela instituição serão gratuitos ou remunerados em regime de porcionismo, de acordo com a situação económico-financeira dos utentes, apurada em inquérito a que se deverá sempre proceder.-----

2 - As tabelas de comparticipação dos utentes serão elaboradas em conformidade com as normas legais aplicáveis e com os acordos de cooperação que sejam celebrados com os serviços oficiais competentes. ----

Capítulo II

Dos associados

Artigo 6.º – Podem ser associados pessoas singulares maiores de 18 anos e as pessoas colectivas. -----

Artigo 7.º – Haverá duas categorias de associados:-----

1 - Honorários – as pessoas que, através de serviços ou donativos, dêem contribuição especialmente relevante para a realização dos fins da instituição, como tal reconhecida e proclamada pela assembleia-geral. -----

2 - Efectivos – as pessoas que se proponham colaborar na realização dos fins da associação obrigando-se ao pagamento da jóia e quota mensal, nos montantes fixados pela Assembleia Geral.-----

Artigo 8.º – A qualidade do associado, prova-se pela inscrição no livro respectivo que a associação obrigatoriamente possuirá. -----

Artigo 9.º – São direitos dos associados: -----

- a) Participar nas reuniões da Assembleia Geral; -----
- b) Eleger e ser eleito para os cargos sociais; -----
- c) Requerer a convocação da Assembleia Geral extraordinária nos termos do n.º 3 do artigo 29.º; -----
- d) Examinar os livros, relatórios e contas e demais documentos, desde que o requeiram por escrito com a antecedência mínima de 30 dias e se verifique um interesse pessoal, directo e legítimo -----

Artigo 10.º – São deveres dos associados: -----

- a) Pagar pontualmente as suas quotas tratando-se de associados efectivos; -----
- b) Comparecer às reuniões da Assembleia Geral; -----
- c) Observar as disposições estatutárias e regulamentos e as deliberações dos corpos gerentes; -----
- d) Desempenhar com zelo, dedicação e eficiência os cargos para que foram eleitos. -----

Artigo 11.º – 1. Os sócios que violarem os deveres estabelecidos no artigo 10.º ficam sujeitos às seguintes sanções: -----

- a) Repreensão; -----
- b) Suspensão de direitos até 365 dias; -----

c) Demissão.-----

2 - São demitidos os sócios que por actos dolosos tenham prejudicado materialmente a associação. -----

3 - As sanções previstas nas alíneas a) e b) do n.º 1 são da competência da Direcção.-----

4 - A demissão é sanção da exclusiva competência da Assembleia Geral, sob proposta da Direcção. -----

5 - A aplicação das sanções previstas nas alíneas b) e c) do n.º 1 só se efectivarão mediante audiência obrigatória do associado.-----

6 - A suspensão de direitos não desobriga do pagamento da quota. ---

Artigo 12.º – 1. Os associados efectivos só podem exercer os direitos referidos no artigo 9.º, se estiverem em dia o pagamento das suas quotas. ---

2 - Os associados efectivos que tenham sido admitidos há menos de 6 (seis) meses não gozam dos direitos referidos nas alíneas b) e c) do artigo 9.º, podendo assistir às reuniões da Assembleia Geral mas sem direito de voto. -----

3 - Não são elegíveis para os corpos gerentes os associados que, mediante processo judicial, tenham sido removidos dos cargos directivos da Associação ou de outra instituição particular de segurança social, ou tenham sido declarados responsáveis por irregularidades cometidas no exercício das suas funções.-----

Artigo 13.º – A qualidade de associado não é transmissível quer por acto entre vivos quer por sucessão. -----

Artigo 14.º – 1. Perdem a qualidade de associado:-----

a) Os que pedirem a sua exoneração;-----



- b) Os que deixarem de pagar as suas quotas durante 24 meses;-----
c) Os que forem demitidos nos termos do n.º 2 do artigo 11.º.-----

2 - No caso previsto na alínea b) do número anterior considera-se eliminado o sócio que tenha sido notificado pela Direcção para efectuar o pagamento das quotas em atraso, o não faça no prazo de 60 dias.-----

Artigo 15.º – O associado que por qualquer forma deixar de pertencer à Associação não tem direito a reaver as quotizações que haja pago, sem prejuízo da sua responsabilidade por todas as prestações relativas ao tempo em que foi membro da associação.-----

Capítulo III

Dos corpos gerentes

Secção I

Disposições gerais

Artigo 16.º – São órgãos da associação, a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.-----

Artigo 17.º – O exercício de qualquer cargo nos corpos gerentes é gratuito mas pode justificar o pagamento de despesas dele derivadas.-----

Artigo 18.º – 1. A duração do mandato dos corpos gerentes é de três anos devendo proceder-se à sua eleição no mês de Dezembro do último ano de cada triénio.-----

2 - O mandato inicia-se com a tomada de posse perante o presidente da mesa da Assembleia Geral ou seu substituto, o que deverá ter lugar na primeira quinzena do ano civil imediato ao das eleições.-----

3 - Quando a eleição tenha sido efectuada extraordinariamente fora do mês de Dezembro, a posse poderá ter lugar dentro do prazo estabelecido

no n.º 2 ou no prazo de 30 dias após a eleição, mas neste caso e para efeitos do n.º 1, o mandato considera-se iniciado na primeira quinzena do ano civil em que se realizou a eleição. -----

4 - Quando as eleições não sejam realizadas atempadamente considera-se prorrogado o mandato em curso até posse dos novos corpos gerentes. -----

Artigo 19.º – 1. Em caso de vacatura da maioria dos membros de cada órgão social, depois de esgotados os respectivos suplentes, deverão realizar-se eleições parciais para o preenchimento das vagas verificadas no prazo máximo de um mês e a posse deverá ter lugar nos 30 dias seguintes à eleição. -----

2 - O termo do mandato dos membros eleitos nas condições do número anterior coincidirá com o dos inicialmente eleitos. -----

Artigo 20.º – 1. Os membros dos corpos gerentes só podem ser eleitos consecutivamente para dois mandatos para qualquer órgão da Associação, salvo se a Assembleia Geral reconhecer expressamente que é impossível ou inconveniente proceder à sua substituição. -----

2 - Não é permitido aos membros dos corpos gerentes o desempenho simultâneo de mais de um cargo na mesma associação. -----

3 - O disposto nos números anteriores aplica-se aos membros da mesa da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal. -----

Artigo 21.º – 1. Os corpos gerentes são convocados pelos respectivos presidentes e só podem deliberar com a presença da maioria dos seus titulares. -----

2 - As deliberações são tomadas por maioria dos votos dos titulares



presentes, tendo o presidente, além do seu voto, direito a voto de desempate. -----

3 - As votações respeitantes às eleições dos corpos gerentes ou a assuntos de incidência pessoal dos seus membros serão feitas obrigatoriamente por escrutínio secreto. -----

Artigo 22.º – 1. Os membros dos corpos gerentes são responsáveis civil e criminalmente pelas faltas ou irregularidades cometidas no exercício do mandato. -----

2 - Além dos motivos previstos na lei, os membros dos corpos gerentes ficam exonerados de responsabilidade se: -----

a) Não tiverem tomado parte na respectiva resolução e a reprovarem com declaração na acta da sessão imediata em que se encontrem presentes;

b) Tiverem votado contra essa resolução e o fizerem consignar na acta respectiva. -----

Artigo 23.º – 1. Os membros dos corpos gerentes não poderão votar em assuntos que directamente lhes digam respeito ou nos quais sejam interessados os respectivos cônjuges, ascendentes, descendentes e equiparados. -----

2 - Os membros dos corpos gerentes não podem contratar directa ou indirectamente com a Associação, salvo se do contrato resultar manifesto benefício para a Associação. -----

3 - Os fundamentos das deliberações sobre os contratos referidos no número anterior deverão constar nas actas das reuniões do respectivo corpo gerente. -----

Artigo 24.º – 1. Os associados podem fazer-se representar por outros

110
A

sócios nas reuniões da Assembleia Geral em caso de comprovada impossibilidade de comparência à reunião, mediante carta dirigida ao presidente da mesa, com a assinatura notarialmente reconhecida mas, cada sócio, não poderá representar mais de 1 associado. -----

2 - É admitido o voto por correspondência sob condição do seu sentido ser expressamente indicado em relação ao ponto ou pontos da ordem de trabalhos e a assinatura do associado se encontrar conforme à que consta do Bilhete de Identidade. -----

Artigo 25.º – Das reuniões dos corpos gerentes serão lavradas actas que serão obrigatoriamente assinadas pelos membros presentes ou, quando respeitem a reuniões da Assembleia Geral, pelos membros da respectiva mesa. -----

Secção II

Da Assembleia Geral

Artigo 26.º – 1. A Assembleia Geral é constituída por todos os sócios admitidos, há pelo menos 6 (seis) meses, que tenham as suas quotas em dia e não se encontrem suspensos. -----

2 - A Assembleia Geral é dirigida pela respectiva mesa que se compõe de um presidente, um 1.º secretário e um 2.º secretário. -----

3 - Na falta ou impedimento de qualquer dos membros da mesa da Assembleia Geral, competirá a esta eleger os respectivos substitutos de entre os associados presentes, os quais cessarão as suas funções no termo da reunião. -----

Artigo 27.º – Compete à mesa da Assembleia Geral dirigir, orientar e disciplinar os trabalhos da assembleia, representá-la e designadamente: ---

a) Decidir sobre os protestos e reclamações respeitantes aos actos eleitorais, sem prejuízo nos termos legais;-----

b) Conferir posse aos membros dos corpos gerentes eleitos.-----

Artigo 28º. - Compete à Assembleia Geral deliberar sobre todas as matérias não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias dos outros órgãos e necessariamente:-----

a) Definir as linhas fundamentais de actuação da Associação;-----

b) Eleger e destituir, por votação secreta, os membros da respectiva mesa e da Direcção e do Conselho Fiscal;-----

c) Apreciar e votar anualmente o orçamento e o programa de acção para o exercício seguinte, bem como o relatório e contas de gerência;-----

d) Deliberar sobre a aquisição onerosa e a alienação, a qualquer título, de bens imóveis e de outros bens patrimoniais de rendimento ou de valor histórico ou artístico;-----

e) Deliberar sobre a alteração dos estatutos e sobre a extinção, cisão ou fusão da Associação;-----

f) Deliberar sobre a aceitação de integração de uma instituição e respectivos bens;-----

g) Autorizar a Associação a demandar os membros dos corpos gerentes por actos praticados no exercício das suas funções;-----

h) Aprovar a adesão a uniões, federações ou confederações.-----

Artigo 29.º – 1. A Assembleia Geral reunirá em sessões ordinárias e extraordinárias,-----

2 - A Assembleia reunirá ordinariamente:-----

a) No final de cada mandato, durante o mês de Dezembro, para a

eleição dos corpos gerentes; -----

b) Até 31 de Março de cada ano para discussão e votação do relatório e contas da gerência do ano anterior, bem como do parecer do Conselho Fiscal; -----

c) Até 15 de Novembro de cada ano, para apreciação e votação do orçamento e programa de acção para o ano seguinte. -----

3 - A Assembleia Geral reunirá em sessão extraordinária quando convocada pelo presidente da mesa da Assembleia Geral, a pedido da Direcção ou do Conselho Fiscal ou a requerimento de, pelo menos, 10% dos associados no pleno gozo dos seus direitos. -----

Artigo 30.º – 1. A Assembleia Geral deve ser convocada com, pelo menos, 15 dias de antecedência pelo presidente da mesa, ou o seu substituto. -----

2 - A convocatória é feita por meio de aviso postal expedido para cada associado ou através de anúncio publicado nos 2 jornais de maior circulação da área da sede da Associação e deverá ser afixada na sede e noutros locais de acesso público, dela contando obrigatoriamente o dia, a hora, o local e a ordem de trabalhos. -----

3 - A convocatória da Assembleia Geral extraordinária, nos termos do artigo anterior, deve ser feita no prazo de 15 dias após o pedido ou requerimento, devendo a reunião realizar-se no prazo máximo de 30 dias, a contar da data da recepção do pedido ou requerimento. -----

Artigo 31.º – 1. A Assembleia Geral reunirá à hora marcada na convocatória se estiver presente mais de metade dos associados com direito a voto ou uma hora depois com qualquer número de presentes. -----



2 - A Assembleia Geral extraordinária que seja convocada a requerimento dos associados só poderá reunir se estiverem presentes três quartos dos requerentes.-----

Artigo 32.º – 1. Salvo o disposto no número seguinte, as deliberações da Assembleia Geral são tomadas por maioria absoluta dos votos dos membros presentes.-----

2 - As deliberações sobre as matérias constantes das alíneas e), f), g) e h) do artigo 28.º só serão válidas se obtiverem o voto favorável de pelo menos, 2/3 dos votos expressos.-----

3 - No caso da alínea e) do artigo 28.º a dissolução não terá lugar se, pelo menos, um número de associados igual ao dobro dos membros dos corpos gerentes se declarar disposto a assegurar a permanência da associação, qualquer que seja o número de votos contra.-----

Artigo 33.º – 1. Sem prejuízo do disposto do número anterior, são anuláveis as deliberações tomadas sobre matéria estranha à ordem do dia, salvo se estiverem presentes ou representados na reunião todos os associados no pleno gozo dos seus direitos sociais e todos concordarem com o aditamento.-----

2. A deliberação da Assembleia Geral sobre o exercício do direito de acção civil ou penal contra os membros dos corpos gerentes pode ser tomada na sessão convocada para apreciação do balanço relatório e contas de exercício, mesmo que a respectiva proposta não conste da ordem de trabalhos.-----

Secção III

Da Direcção

Artigo 34.º – 1. A Direcção da Associação é constituída por sete membros, dos quais um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e um vogal.-----

2 - Haverá simultaneamente igual número de suplentes que se tornarão efectivos à medida que se derem vagas e pela ordem em que tiverem sido eleitos. -----

3 - No caso de vacatura do cargo do presidente será o mesmo preenchido pelo vice-presidente e este substituído por um suplente.-----

4 - Os suplentes poderão assistir às reuniões da Direcção mas sem direito a voto.-----

Artigo 35.º – Compete à Direcção gerir a Associação e representá-la, incumbindo-lhe designadamente:-----

- a) Garantir a efectivação dos direitos dos beneficiários;-----
- b) Elaborar anualmente e submeter ao parecer do órgão de fiscalização o relatório e contas de gerência, bem como o orçamento e programa de acção para o ano seguinte; -----
- c) Assegurar a organização e o funcionamento dos serviços, bem como a escrituração dos livros, nos termos da lei;-----
- d) Organizar o quadro do pessoal e contratar e gerir o pessoal da associação;-----
- e) Representar a associação em juízo ou fora dele;-----
- f) Zelar pelo cumprimento da lei, dos estatutos e das deliberações dos órgãos da associação. -----

Artigo 36.º – Compete ao presidente da Direcção:-----

- a) Superintender na administração da associação orientado e

fiscalizando os respectivos serviços; -----

b) Convocar e presidir às reuniões da direcção, dirigindo os respectivos trabalhos;-----

c) Representar a associação em juízo ou fora dele;-----

d) Assinar e rubricar os termos de abertura e encerramento e rubricar o livro de actas da Direcção; -----

e) Despachar os assuntos normais de expediente e outros que careçam de solução urgente, sujeitando estes últimos à confirmação da Direcção na primeira reunião seguinte. -----

Artigo 37.º – Compete ao vice-presidente coadjuvar o presidente no exercício das suas atribuições e substituí-lo nas suas ausências e impedimentos.-----

Artigo 38.º – Compete ao secretário: -----

a) Lavrar as actas das reuniões da Direcção e superintender nos serviços de expediente;-----

b) Preparar a agenda de trabalhos para as reuniões da Direcção organizando os processos dos assuntos a serem tratados;-----

c) Superintender no serviço de secretaria. -----

Artigo 39.º – Compete ao tesoureiro: -----

a) Receber e guardar os valores da associação; -----

b) Promover a escrituração de todos os livros de receita e de despesa;

c) Assinar as autorizações de pagamento e as guias de receitas juntamente com o presidente; -----

d) Apresentar mensalmente à Direcção o balancete em que se discriminarão as receitas e despesas do mês anterior;-----

e) Superintender nos serviços de contabilidade e tesouraria.-----

Artigo 40.º – Compete ao vogal coadjuvar os restantes membros da Direcção nas respectivas atribuições e exercer as funções que a Direcção lhe atribuir.-----

Artigo 41.º – A Direcção reunirá sempre que o julgar conveniente por convocação do presidente e, obrigatoriamente, pelo menos uma vez em cada mês.-----

Artigo 42.º – 1. Para obrigar a Associação são necessárias e bastantes as assinaturas conjuntas de quaisquer três membros da Direcção, ou as assinaturas conjuntas do presidente e do tesoureiro.-----

2 - Nas operações financeiras são obrigatórias as assinaturas conjuntas do presidente e tesoureiro.-----

3 - Nos actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer membro da Direcção.-----

Secção IV

Do Conselho Fiscal

Artigo 43.º - 1. O Conselho Fiscal é composto por três membros, dos quais um presidente e dois vogais.-----

2 - Haverá simultaneamente igual número de suplentes que se tornarão efectivos à medida que se derem vagas e pela ordem em que tiverem sido eleitos.-----

3 - No caso da vacatura do cargo de presidente, será o mesmo preenchido pelo primeiro vogal e este por um suplente.-----

Artigo 44.º – Compete ao Conselho Fiscal vigiar pelo cumprimento da lei e dos estatutos designadamente:-----



- a) Exercer a fiscalização sobre a escrituração e documentos da instituição sempre que o julgue conveniente; -----
- b) Assistir ou fazer-se representar por um dos seus membros às reuniões do órgão executivo, sempre que o julgue conveniente;-----
- c) Dar parecer sobre o relatório, contas e orçamento e sobre todos os assuntos que o órgão executivo submeta à sua apreciação.-----

Artigo 45.º – O Conselho Fiscal pode solicitar à Direcção elementos que considere necessários ao cumprimento das suas atribuições, bem como propor reuniões extraordinárias para discussão, com aquele órgão, de determinados assuntos cuja importância o justifique. -----

Artigo 46.º – O Conselho Fiscal reunirá sempre que o julgar conveniente, por convocação do presidente e obrigatoriamente, pelo menos uma vez em cada trimestre. -----

Capítulo IV

Regime financeiro

Artigo 47.º – São receitas da associação:-----

- a) O produto das jóias e quotas dos associados; -----
- b) As participações dos utentes; -----
- c) Os rendimentos de bens próprios; -----
- d) As doações, legados e heranças e respectivos rendimentos; -----
- e) Os subsídios de Estado ou de organismos oficiais;-----
- f) Os donativos e produtos de festas ou subscrições;-----
- g) Outras receitas.-----

Capítulo V

Disposições diversas

Quais as perspetivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

ANEXO 3 – Associações registadas no concelho de Chaves

ID	ASSOCIACAO	CLASSIFICA	LOCALIDADE	TELEFONE	FREGUESIA
1	Escola Futebol Adão	Associação Desportiva	Chaves		Madalena
2	Clube de Ténis Mesa de Chaves (CTMChaves)	Associação Desportiva	Chaves	276322122	Madalena
3	Bombeiros Voluntários Flavienses de Chaves (BVFC)	Associação Humanitária	Chaves	276322122	Madalena
4	Associação Desportiva e Recreativa Eirens	Associação Cultural e Desportiva	Eiras		Eiras
5	Centro Desportivo e Cultural de Faiões	Associação Cultural e Desportiva	Faiões		Faiões
6	Clube de Golfe de Vidago	Associação Desportiva	Vidago	276909662	Vidago
7	Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Cimo de Vila da Castanheira	Associação Cultural e Desportiva	Cimo de Vila da Castanheira		Cimo de Vila da Castanheira
8	São Lourenço Desporto e Cultura	Associação Cultural e Desportiva	São Lourenço	276324955	Eiras
9	Bicicletas Todo Terreno - Clube de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276324054	Madalena
10	Associação de Caça de Arcossó	Associação de Caçadores	Arcossó		Arcossó
11	Associação Cultural e Desportiva de Vila Nova de Monforte	Associação Cultural e Desportiva	Vila Nova de Monforte		Oucidres
12	Associação de Caçadores da Castanheira	Associação de Caçadores	Sanfins	276342573	Sanfins
13	Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Santo António de Monforte	Associação Cultural e Desportiva	Santo António de Monforte	964181234	Santo António de Monforte
14	Centro de Bem Estar Social de Santo Estêvão	Associação de Solidariedade Social	Santo Estêvão	276301960	Santo Estêvão
15	Associação Cultural, Recreativa e Desportiva da Freguesia de São Julião de Montenegro	Associação Cultural e Desportiva	São Julião de Montenegro	936677662	São Julião de Montenegro
16	Centro Social, Cultural e Desportivo de Vilarelho da Raia	Associação Cultural e Desportiva	Vilarelho da Raia	276916400	Vilarelho da Raia
17	Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Vilarinho das Paranhos	Associação Cultural e Desportiva	Vilarinho das Paranhos		Vilarinho das Paranhos
18	Associação Recreativa e Cultural de Vilela Seca	Associação Cultural e Desportiva	Vilela Seca		Vilela Seca
19	Futebol Clube de Tronco	Associação Desportiva	Tronco		Tronco
20	Associação Recreativa e Desportiva de Samaiões	Associação Cultural e Desportiva	Samaiões		Samaiões
21	Associação Recreativa e Cultural de Curalha	Associação Cultural e Desportiva	Curalha	276328501	Curalha
22	Casa de Cultura de Vidago	Associação Cultural e Desportiva	Vidago	962989492	Vidago
23	Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vidago	Associação Humanitária	Vidago	276907122	Vidago
24	Vidago Futebol Clube	Associação Desportiva	Vidago	276999444	Vidago
25	Grupo Desportivo de Ribeira de Oira – Veteranos	Associação Desportiva	Vidago		Vidago
26	Motocross Club	Associação Desportiva	France		Moreiras
27	Apeadeiro - Associação de Tratamento de Doenças de Adição	Associação de Solidariedade Social	Curalha		Curalha

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

28	Associação Cultural e Recreativa de Bóbeda	Associação Cultural e Desportiva	Bóbeda	276346131	São Pedro de Agostém
29	Associação Desportiva e Cultural de Vila Nova de Veiga	Associação Cultural e Desportiva	Vila Nova de Veiga		São Pedro de Agostém
30	Casa do Povo de Vidago	Casa do Povo	Vidago		Vidago
31	Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Castelões	Associação Cultural e Desportiva	Castelões		Calvão
32	Associação Cultural e Recreativa da Agrela de Ervededo	Associação Cultural e Desportiva	Agrela de Ervededo		Ervededo
33	Centro Social e Cultural de Ervededo	Associação Cultural e Desportiva	Couto de Ervededo		Ervededo
34	Associação Cultural e Recreativa da Torre de Ervededo	Associação Cultural e Desportiva	Torre de Ervededo	276915162	Ervededo
35	Centro Social Santa Bárbara de Ervededo	Associação de Solidariedade Social	Couto de Ervededo		Ervededo
36	Associação Cultural e Recreativa de Soutelo	Associação Cultural e Desportiva	Soutelo		Soutelo
37	Ribeirense Futebol Clube de Loivos	Associação Cultural e Desportiva	Loivos		Loivos
38	Associação de Caçadores de São Vicente da Raia	Associação de Caçadores	São Vicente da Raia	276342263	São Vicente
39	Associação Social e Recreativa de Roriz	Associação Cultural e Desportiva	Roriz		Roriz
40	Casa do Povo de Rebordondo	Casa do Povo	Rebordondo		Anelhe
41	Grupo Desportivo de Oura	Associação Desportiva	Oura		Oura
42	Clube Cultural e Recreativo de Vilela do Tâmega	Associação Cultural e Desportiva	Vilela do Tâmega		Vilela do Tâmega
43	Associação Desportiva e Cultural dos Amigos de Vilas Boas	Associação Cultural e Desportiva	Vilas Boas		Vilas Boas
44	Associação Recreativa e Cultural de Selhariz	Associação Cultural e Desportiva	Selhariz		Selhariz
45	Centro Cultural, Recreativo e Desportivo de Travancas	Associação Cultural e Desportiva	Travancas		Travancas
46	Associação de Tiro, Caça e Pesca-Cota de Mairós	Associação de Caçadores	Mairós		Mairós
47	Associação Cultural e Recreativa de Sanjurge	Associação Cultural e Desportiva	Sanjurge		Sanjurge
48	Grupo Etnográfico de Bustelo	Associação de Educação Popular	Bustelo	937015300	Bustelo
49	Banda Musical de Outeiro Seco	Associação Cultural	Outeiro Seco		Outeiro Seco
50	Associação Mãos Amigas	Associação de Solidariedade Social	Outeiro Seco		Outeiro Seco
51	Casa da Cultura Popular de Outeiro Seco	Associação Cultural	Outeiro Seco	276341752	Outeiro Seco
52	Associação de Estudantes da Escola Superior de Enfermagem Dr. José Montalvão Machado	Associação de Estudantes	Outeiro Seco		Outeiro Seco
53	Associação Banda Musical de Vila Verde da Raia	Associação Cultural	Vila Verde da Raia	276926536	Vila Verde da Raia
54	Associação de Produtores de Leite e Agricultores do Alto	Associações de	Vila Verde da	276926424	Vila Verde da

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

	Tâmega	Pequenos e Médios Agricultores	Raia		Raia
55	Associação Cultural e Recreativa da Abobeleira	Associação Cultural e Desportiva	Abobeleira	936206059	Vale de Anta
56	Clube Flaviense de Caça e Pesca Desportiva	Associação de Caçadores	Cando	276331785	Vale de Anta
57	Associação Promotora do Ensino Profissional para o Alto Tâmega	Associação de Desenvolvimento	Chaves	276340420	Vale de Anta
58	Associação Desportiva Flaviense	Associação Desportiva	Chaves	276322872	Vale de Anta
59	Grupo Recreativo e Cultural de Vale de Anta	Associação Cultural e Desportiva	Vale de Anta		Vale de Anta
60	Associação Cultural, Recreativa e Desportiva da Juventude de Nantes	Associação Cultural e Desportiva	Nantes		Vilar de Nantes
61	Associação de Desenvolvimento de Vilar de Nantes	Associação de Desenvolvimento	Vilar de Nantes		Vilar de Nantes
62	Associação de Paraquedistas do Alto Tâmega (APAT)	Associação de Militares	Chaves		Vilar de Nantes
63	Aero Clube de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276332938	Vilar de Nantes
64	Centro Social Abobeleira - Valdanta	Associação de Solidariedade Social	Vale de Anta		Vale de Anta
65	Associação Cultural e Desportiva de Solidariedade Social e Melhoramento do Bairro da Traslar	Associação Cultural e Desportiva	Nantes	276321392	Vilar de Nantes
66	Associação Cultural e Recreativa de Santa Cruz	Associação Cultural e Desportiva	Chaves	276341036	Santa Cruz - Trindade
67	Ginásio Clube de Chaves	Associação Desportiva	Chaves		Santa Maria Maior
68	Associação Portuguesa de Deficientes (APD) - Delegação do Alto Tâmega	Associações de Pessoas Portadoras de Deficiência	Chaves	276326147	Santa Maria Maior
69	Casa do Futebol Clube do Porto de Chaves (CFCPC)	Associação de Adeptos	Chaves		Santa Maria Maior
70	Casa do Benfica do Alto Tâmega	Associação de Adeptos	Chaves	276326557	Santa Maria Maior
71	Associação de Atletas Veteranos de Trás-os-Montes e Alto Douro	Associação Desportiva	Chaves	276332646	Santa Maria Maior
72	Associação dos Amigos dos Animais de Chaves (AAAC)	Associação Humanitária	Chaves	964402945	Santa Maria Maior
73	Associação Reviver	Associação de Solidariedade Social	Chaves		Santa Maria Maior
74	Grupo Desportivo de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276340480	Santa Maria Maior
75	Veteranos do Grupo Desportivo de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276341486	Santa Maria Maior
76	Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA) - Núcleo da Chaves	Associações de Pessoas Portadoras de Deficiência	Chaves	276334017	Santa Maria Maior
77	Associação de Regantes e Beneficiários da Veiga de Chaves	Associações de Regantes e Beneficiários	Chaves	276327410	Madalena

Quais as perspetivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

78	Clube Motard de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	914605072	Madalena
79	Sociedade Columbófila de Chaves	Associação Desportiva	Chaves		Santa Maria Maior
80	Clube Mototurismo - 5ª Coluna de Chaves	Associação Desportiva	Chaves		Madalena
81	Grupo Desportivo, Recreativo e Cultural da Madalena	Associação Cultural e Desportiva	Chaves		Madalena
82	Associação de Comandos - Delegação Regional de Chaves	Associação de Militares	Chaves		Santa Maria Maior
83	Associação Portuguesa de Veteranos de Guerra - Delegação de Chaves	Associação de Militares	Chaves	276322320	Santa Maria Maior
84	Associação Flor do Tâmega para Apoio a Deficientes	Associações de Pessoas Portadoras de Deficiência	Chaves	276334493	Santa Maria Maior
85	Natação Clube de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276332110	Santa Maria Maior
86	Associação de Rádioamadores do Alto Tâmega (ARAT)	Associação Cultural	Chaves	276321000	Santa Maria Maior
87	Chaves Viva - Associação Promotora de Ensino e Divulgação de Artes e Ofícios da Região de Chaves	Associação Cultural	Chaves	276348940	Santa Maria Maior
88	Associação de Municípios do Alto Tâmega (AMAT)	Associação Representativas dos Municípios e das Freguesias	Chaves	276301000	Santa Maria Maior
89	Liga dos Amigos do Hospital Distrital de Chaves	Associação de Solidariedade Social	Chaves	276332204	Santa Maria Maior
90	Sociedade Flaviense	Associação Cultural e Desportiva	Chaves	276323211	Santa Maria Maior
91	Rotary Clube de Chaves	Associação Humanitária	Chaves	276318165	Santa Maria Maior
92	Ténis Clube de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276321684	Santa Maria Maior
93	Grupo Recreativo e Cultural da Freguesia de Cela	Associação Cultural e Desportiva	Cela		Cela
94	Associação de Caçadores de Castelo de Monforte	Associação de Caçadores	Águas Frias		Águas Frias
95	Associação da Zona de Caça Associativa de Raiana de Lamadarcos	Associação de Caçadores	Lamadarcos		Lama de Arcos
96	Associação de Solidariedade de Santo António de Monforte	Associação de Solidariedade Social	Santo António de Monforte		Santo António de Monforte
97	Clube de Caçadores do Marco Branco	Associação de Caçadores	Calvão		Calvão
98	Associação Cultural e Desportiva de Calvão	Associação Cultural e Desportiva	Calvão	918239180	Calvão
99	Lar do Bom Caminho de Calvão - Associação	Associação de Solidariedade Social	Calvão	276987050	Calvão
100	Associação de Caçadores da Pastoria	Associação de Caçadores	Pastoria	276328335	Redondelo
101	Associação E.R.C. do Rancho Folclórico da Freguesia de	Associação Cultural	Selhariz		Selhariz

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

	Selhariz				
102	Clube de Campismo e Caravanismo de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276322733	Santa Maria Maior
103	EMET – Associação de Solidariedade Social	Associação de Solidariedade Social	Chaves	933232457	Santa Maria Maior
104	Associação dos Pastores Transmontanos (APT)	Associações de Pequenos e Médios Agricultores	Chaves	977907287	Santa Maria Maior
105	Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega (ADRAT)	Associação de Desenvolvimento	Outeiro Seco	276340920	Outeiro Seco
106	Associação Cultural e Desportiva de Santo Estêvão	Associação Cultural e Desportiva	Santo Estêvão	276321845	Santo Estêvão
107	Associação dos Agricultores e Regadio de Curalha	Associações de Regantes e Beneficiários	Curalha		Curalha
108	Associação Desportiva e Recreativa, Tiro, Caça e Pesca da Ribeira de Oura	Associação de Caçadores	Vila Verde de Oura	276909461	Oura
109	Associação Promotora do Ensino de Enfermagem em Chaves (APEEC)	Associação de Desenvolvimento	Outeiro Seco	276301690	Outeiro Seco
110	Associação de Caçadores de Sanjurge e Bustelo	Associação de Caçadores	Sanjurge		Sanjurge
111	Corpo Nacional de Escuteiros - Agrupamento de Chaves	Associação Juvenil	Vila Nova de Veiga		São Pedro de Agostém
112	Patronato de São José	Associação de Solidariedade Social	Vilar de Nantes	276321853	Vilar de Nantes
113	Clube de Caça e Pesca do Tâmega	Associação de Caçadores	Vilarelho da Raia		Vilarelho da Raia
114	Núcleo Sportinguista da Região de Vidago	Associação de Adeptos	Vidago		Vidago
115	Mundo da Música Flaviense (Futebol de 5)	Associação Desportiva	Chaves		Santa Cruz - Trindade
116	Associação de Artesãos do Alto Tâmega e Barroso	Associação Cultural	Chaves	933577563	Santa Maria Maior
117	Associação de Jovens Agricultores de Portugal	Associações de Pequenos e Médios Agricultores	Chaves	276322783	Santa Maria Maior
118	Federação da Agricultura de Trás-os-Montes e Alto Douro (FATA)	Associações de Pequenos e Médios Agricultores	Chaves	276318600	Santa Maria Maior
119	Acção para a Justiça e Paz (AJPaz) - Núcleo de Chaves	Associação Juvenil	Chaves	276324501	Santa Maria Maior
120	Associação Regional de Ténis de Vila Real	Associação Desportiva	Chaves	276325029	Santa Maria Maior
121	Atletismo Clube de Chaves (ACCH)	Associação Desportiva	Chaves		Santa Maria Maior
122	Hóquei Clube Flaviense	Associação Desportiva	Chaves	919256313	Santa Maria Maior
123	Montesino Clube TT de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	938336446	Santa Maria Maior

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

124	Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves (AFACC)	Associação Florestal	Chaves	276326702	Santa Maria Maior
125	Casa do Pessoal do Hospital Distrital de Chaves	Associação Patronal	Chaves		Santa Maria Maior
126	Casa do Professor	Associação de Solidariedade Social	Chaves	276331938	Santa Maria Maior
127	Clube Horizontes Aventura do Alto Tâmega	Associação Desportiva	Chaves	933297877	Santa Maria Maior
128	Clube Portugal Telecom – Secção de Chaves	Associação Cultural e Desportiva	Chaves	276500500	Santa Maria Maior
129	GAT-AT Clube	Associação Desportiva	Chaves	276301000	Santa Maria Maior
130	Grupo Cultural Aquae Flaviae	Associação de Educação Popular	Chaves	276323510	Santa Maria Maior
131	Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Chaves	Associação Cultural e Desportiva	Chaves		Santa Maria Maior
132	União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social	Associação de Solidariedade Social	Chaves	276333122	Santa Maria Maior
133	Bombeiros Voluntários de Salvação Pública (BVSP)	Associação Humanitária	Chaves	276322144	Santa Maria Maior
134	Sindicato dos Bancários do Norte	Associação Sindical	Chaves	276323131	Santa Maria Maior
135	Cruz Vermelha Portuguesa	Associação Humanitária	Chaves	276333888	Santa Maria Maior
136	Liga dos Combatentes - Núcleo de Chaves	Associação de Militares	Chaves	276351399	Santa Maria Maior
137	Partido Socialista (PS)	Associação Política	Chaves		Santa Maria Maior
138	Associação de Dadores Benévolos de Sangue do Alto Tâmega	Associação Humanitária	Chaves	276327027	Santa Maria Maior
139	Associação de Futebol de Vila Real - Delegação de Chaves	Associação Desportiva	Chaves	276332646	Santa Maria Maior
140	Chaves Femini Clube	Associação Desportiva	Chaves	276332646	Santa Maria Maior
141	Chaves Futsal Clube	Associação Desportiva	Chaves		Santa Maria Maior
142	Associação Flaviense de Caminheiros	Associação Cultural e Desportiva	Chaves	968054591	Santa Maria Maior
143	Montes e Vales, Associação Transmontana para o Turismo e Desporto de Ar Livre	Associação Cultural e Desportiva	Nantes	276331872	Vilar de Nantes
144	Partido Comunista Português (PCP)	Associação Política	Chaves	276321665	Santa Maria Maior
145	Partido Social Democrata (PSD)	Associação Política	Chaves	276322563	Santa Maria Maior
146	Sindicato dos Professores do Norte	Associação Sindical	Chaves	276332553	Santa Maria Maior
147	Associação Empresarial do Alto Tâmega (ACISAT)	Associação Empresarial	Chaves	276318095	Santa Maria Maior

Quais as perspetivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

148	Santa Casa da Misericórdia de Chaves	Associação de Solidariedade Social	Chaves	276333122	Santa Maria Maior
149	Centro Social de Santa Clara de Sanjurge	Associação de Solidariedade Social	Sanjurge	276332548	Sanjurge
150	Associação Cultural e Recreativa de Paradela de Monforte	Associação Cultural e Desportiva	Paradela de Monforte		Paradela
151	Associação Centro Social de Santa Maria Madalena de Bustelo	Associação de Solidariedade Social	Bustelo	937015300	Bustelo
152	Associação Chaves Social	Associação de Solidariedade Social	Chaves	276351053	Santa Maria Maior
153	VIDAGUSTERMAS - Associação para a Promoção e Desenvolvimento Termal e Turístico de Vidago	Associação de Desenvolvimento	Vidago		Vidago
154	Unihsnor - União dos Industriais de Hotelaria e Similares do Norte de Portugal - Delegação de Chaves	Associação Patronal	Chaves	276318285	Santa Maria Maior
155	Procentro - Associação para a Promoção do Centro Urbano de Chaves	Associação de Desenvolvimento	Chaves		Santa Maria Maior
156	TAMAGANI – Associação de Artistas Plásticos do Alto Tâmega e Val de Monterrei	Associação Cultural	Vidago	276909662	Vidago
157	Teatro Experimental Flaviense	Associação Juvenil	Chaves	276333919	Santa Maria Maior
158	Amigos das Caldas de Chaves	Associação Cultural	Chaves		Santa Maria Maior
159	Associação de Estudantes da Escola Secundária Dr. Júlio Martins	Associação de Estudantes	Chaves		Santa Maria Maior
160	Centro de Estudos Judaicos	Associação de Educação Popular	Chaves		Santa Maria Maior
161	Associação de Estudantes da Escola Secundária Dr. António Granjo	Associação de Estudantes	Chaves		Santa Maria Maior
162	Associação de Estudantes da Escola Secundária Fernão de Magalhães	Associação de Estudantes	Chaves		Santa Maria Maior
163	Associação de Estudantes da Escola Profissional de Chaves e Boticas	Associação de Estudantes	Chaves		Vale de Anta
164	Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária Dr. António Granjo	Associação de Pais	Chaves		Santa Maria Maior
165	Associação de Estudantes da Escola Nadir Afonso	Associação de Estudantes	Chaves		Santa Maria Maior
166	Associação de Estudantes da UTAD – Pólo de Chaves	Associação de Estudantes	Chaves		Santa Maria Maior
167	Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Dr. Francisco Gonçalves Carneiro	Associação de Pais	Chaves		Santa Maria Maior
168	Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Nadir Afonso	Associação de Pais	Chaves		Santa Maria Maior
169	Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Vidago	Associação de Pais	Vidago		Vidago
170	Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária Dr. Fernão de Magalhães	Associação de Pais	Chaves		Santa Maria Maior
171	Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária Dr. Júlio Martins	Associação de Pais	Chaves		Santa Maria Maior

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

172	Associação dos Antigos Estudantes da Escola Secundária Dr. Júlio Martins	Associação de Estudantes	Chaves		Santa Maria Maior
173	Centro Social de São Vicente da Raia	Associação de Solidariedade Social	São Vicente da Raia		São Vicente
174	Grupo de Danças e Cantares Regionais de Santo Estêvão	Associação Cultural	Santo Estêvão		Santo Estêvão
175	Grupo de Danças Regionais de Chaves	Associação Cultural	Chaves		Santa Maria Maior
176	Grupo de Danças Tradicionais de Ventuzelos	Associação Cultural	Ventuzelos		São Pedro de Agostém
177	Associação Centro Social São João Batista de Cimo de Vila da Castanheira	Associação de Solidariedade Social	Cimo de Vila da Castanheira		Cimo de Vila da Castanheira
178	Centro Social de São Miguel de Nogueira da Montanha	Associação de Solidariedade Social	Sobrado	276331323	Nogueira da Montanha
179	Associação Particular de Solidariedade Social de Tronco	Associação de Solidariedade Social	Tronco		Tronco
180	Associação Lar Nossa Senhora da Conceição de Faiões	Associação de Solidariedade Social	Faiões		Faiões
181	Associação de Acção Social Santo André de Curalha	Associação de Solidariedade Social	Curalha	276328501	Curalha
182	Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia	Associação Cultural	Chaves		Santa Maria Maior
183	Karaté Clube do Alto Tâmega	Associação Desportiva	Chaves		Santa Maria Maior
184	Associação de Bandas de Música do Concelho de Chaves	Associação Cultural	Chaves		Santa Maria Maior

Fonte CMC (2012): Adaptação própria.

ANEXO 4 – Questionário

QUESTIONÁRIO

Este questionário insere-se num projeto de investigação que visa a obtenção do grau de Mestre em Ciências Educação – Animação Sociocultural na UTAD - Polo Chaves, e pretende recolher informações sobre a opinião de cada elemento/associado da “Voz da Juventude”, com o fim de as analisar. Os dados registados neste questionário são confidenciais. A informação recolhida será apenas utilizada nesta investigação.

O questionário é anónimo.

Instruções para o preenchimento do questionário

Assinale com uma cruz o quadrado que corresponde à sua situação.

1 - Sexo

- Masculino
- Feminino

2 - Idade

- menores de 10 anos
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15 ou mais

3 - Moras em:

- Chaves (cidade)
- Chaves (arredores)

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

4 – Há quanto tempo frequentas a Associação “Voz da Juventude”

menos de 1 ano

entre 1 e 2 anos

entre 2 e 3 anos

4 anos

5 - A “Voz da Juventude” desenvolve atividades interessantes?

Sim

Não

6 – Quais as atividades que mais te agradam:

desportivas

musicais

culturais

outras, quais? _____

Quais as perspectivas do contributo do associativismo juvenil na ocupação dos tempos livres dos jovens

7 – A “Voz da Juventude” ajuda-te a ocupar os teus tempos livres?

Sim

Não

8 – O facto de frequentares a Associação, “Voz da Juventude” é útil para tua vida?

Sim

Não

9 – Como associado sentes que a tua opinião é ouvida e é útil à Associação?

Sim

Não

10 – Qual a tua sugestão para que a Associação possa melhorar?
